

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

PAULA FERREIRA GONÇALVES

**TRABALHO DOCENTE ENTRE O PRESCRITO E O REAL: efeitos na saúde dos
professores do Ensino Superior do Triângulo Mineiro no período de 2012 a 2018**

UBERABA-MG
2020

PAULA FERREIRA GONÇALVES

TRABALHO DOCENTE ENTRE O PRESCRITO E O REAL: efeitos na saúde dos professores do Ensino Superior do Triângulo Mineiro no período de 2012 a 2018

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, previsto no Regulamento do Programa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo de Ensino-Aprendizagem.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sálua Cecílio

UBERABA-MG
2020

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

G586t Gonçalves, Paula Ferreira.
Trabalho docente entre o prescrito e o real: efeitos na saúde dos professores do Ensino Superior do Triângulo Mineiro, no período de 2012 a 2018 / Paula Ferreira Gonçalves. – Uberaba, 2020.
104 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo de Ensino-Aprendizagem.
Orientadora: Profa. Dra. Sálua Cecílio.

1. Ensino superior. 2. Trabalho docente. 3. Saúde e trabalho. I. Cecílio, Sálua. II. Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. III. Título.

CDD 378

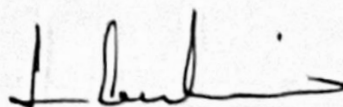
PAULA FERREIRA GONÇALVES

TRABALHO DOCENTE ENTRE O PRESCRITO E O REAL: efeitos na saúde dos professores do Ensino Superior do Triângulo Mineiro no período de 2012 a 2018

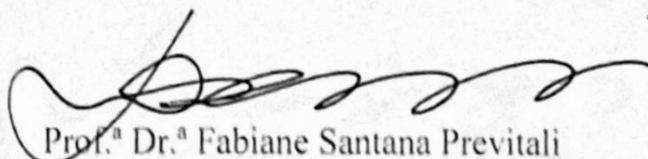
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 13/03/2020


BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Sálua Cecílio (Orientadora)
UNIUBE - Universidade de Uberaba.



Prof.ª Dr.ª Fabiane Santana Previtali
UFU – Universidade Federal de
Uberlândia



Prof.ª Dr.ª Renata Teixeira Junqueira
Freire
UNIUBE – Universidade de Uberaba

Não desejo suscitar convicções, o que desejo é estimular o pensamento e derrubar preconceitos.

(FREUD, 1917).

AGRADECIMENTOS

Nesses dois anos de mestrado, de muito estudo, esforço e empenho gostaria de agradecer a algumas pessoas que me acompanharam e foram fundamentais para a realização de mais este sonho. Por isso, expresso aqui através de palavras sinceras em agradecimento à minha conquista e gratidão.

Primeiramente, agradeço a minha amada esposa Joana, por todo amor, carinho, compreensão e apoio em tantos momentos difíceis desta caminhada. Obrigada por permanecer ao meu lado, sempre me proporcionando carinhos, atenção e amor, além do presente de cada dia, pelo seu sorriso e por saber me fazer feliz.

Agradeço também a minha família pela compreensão, ao serem privados em muitos momentos da minha companhia e atenção, e pelo profundo apoio, me estimulando nos momentos mais difíceis. Obrigada por desejarem sempre o melhor para mim, pelo esforço que fizeram para que eu pudesse superar cada obstáculo em meu caminho e chegar aqui. À vocês, minha família, sou eternamente grata por tudo que sou, por tudo que consegui conquistar e pela felicidade que tenho.

Minha gratidão especial a Profa. Dra. Sálua Cecílio, minha orientadora e, sobretudo, pela pessoa e profissional que é. Obrigada por sua dedicação e cuidado, que o fez, por muitas vezes, deixar de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me orientar. E, principalmente, obrigada por sempre ter acreditado e depositado sua confiança em mim.

Um obrigado especial às amigas do mestrado Rosemira, Ester, Simone, Carol e ao amigo Leandro, a quem realmente considero como bons amigos, e que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando e torcendo por mim nesses dois anos. Sigo agradecendo a algumas pessoas que desempenharam papéis importantes para que continuasse a pesquisar, como Gabriela, Isadora Marina e Gustavo, alunos e ex-alunos que sempre estiverem presentes nas escritas e nos projetos.

Agradeço também aos professores Prof.^a Dr.^a Renata Teixeira Junqueira Freire, Prof. Dr. Carlos Alberto Lucena e Profa. Dra. Fabiane Santana Previtalli membros da banca de Qualificação e Defesa de Mestrado, pelos conselhos, sugestões e interesse em contribuir para o desenvolvimento deste projeto.

Por fim, o agradecimento mais importante: agradeço a Deus e a Nossa Senhora, por estarem sempre comigo, me guiando, iluminando cada passo meu e me abençoando. Obrigada por me darem a fé e a força necessária para lutar e enfrentar todos os obstáculos, sem nunca ou quase nunca desistir.

RESUMO

O capitalismo está presente no cotidiano sendo um fluxo contínuo de valor que atravessa vários momentos e formas, apresentado como dinheiro, meio de produção e mão de obra, mas sempre como capital. O capitalismo, marcadamente do século XXI, reflete na forma como se estabelece a educação, repercutindo, portanto, nas vivências dos trabalhadores docentes, podendo gerar sofrimento e adoecimento. Nesta direção esta pesquisa, de natureza teórica, do tipo documental e de abordagem qualitativa, analisa de que modo o mercado de trabalho, suas transformações e configurações atuais, permitem ao trabalhador docente vivenciar experiências e demandas sociais, e o que elas têm causado em termos de alterações na saúde dos trabalhadores docentes. O presente estudo insere-se na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo de Ensino-Aprendizagem do Programa de pós-graduação em Educação, da Universidade de Uberaba – UNIUBE, e vincula-se ao projeto de Pesquisa, Trabalho e Profissão Docente na cultura virtual: tendências, conteúdos e implicações para a subjetividade e a saúde de professores. A metodologia inclui busca e obtenção dos dados que ocorreram em duas etapas. A primeira com ênfase para um processo de definição dos objetivos e hipóteses para investigação, além de um maior entendimento das particularidades da pesquisa. A segunda etapa iniciou-se pela elaboração do relatório de qualificação, para um maior e melhor delineamento e fundamentação da pesquisa. Para o levantamento bibliográfico foram consultados meios e bibliotecas virtuais através do descritor “trabalho docente”. A posteriori associou-se o descritor a outros, como “ensino superior privado”; “mercantilização do ensino”; “capitalismo”; “precarização”. Em uma busca para constituição do capítulo três foram usados descritores “trabalho docente e sofrimento”; “trabalho docente e saúde mental”; “docente e sofrimento”; “docente e saúde mental”, sendo que desses foram desconsiderados aqueles que se referiam ao trabalho docente na educação básica, e ensino médio bem como aqueles que tratavam de questões como formação ou aqueles que se referiam à atuação específica de tutores na EaD. Finalizou-se com 99 artigos. Os resultados da pesquisa indicam que as transformações nas condições do trabalhador docente em seu exercício, juntamente com as novas vivências e experiências de professores universitários, incluindo demandas sociais a eles relacionadas, têm atingido a saúde do trabalhador docente.

Palavras-Chave: Trabalho docente. Ensino Superior. Adoecimento. Saúde.

ABSTRACT

Capitalism is present in daily life being a continuous flow of value that goes through various moments and forms, presented as money, means of production, labor, but always as capital. Capitalism, markedly the 21st century, reflected how education, thus reflecting on the experiences of teaching workers, can generate suffering and illness. In this sense, this research, of a theoretical nature, documentary and qualitative approach, analyzes how the labor market, its current transformations and configurations, allows the teaching worker to experience social experiences and demands of work, and what they suffer in terms of changes in the health of teaching workers. This study includes the Professional Development Research Line, Teaching Work and Teaching-Learning Process of the Graduate Program in Education of the University of Uberaba - UNIUBE. Link to the research project, Work and teaching profession in virtual culture: trends, content and implications for subjectivity and health of teachers. The methodology includes searching and obtaining data that occurred in two stages. The first with an emphasis on a process of defining the objectives and hypotheses for investigation, in addition to a greater understanding of the particularities of the research. The second stage started with the preparation of the qualification report, for a greater and better design and justification of the research. For the bibliographic survey, the media and virtual libraries were consulted through the descriptor "teaching work". A posteriori, the descriptor was associated with others, such as private higher education; commodification of education; capitalism; precariousness. In a search for the constitution of chapter three, the descriptors "teaching work and suffering" were used; "Teaching work and mental health"; "Teacher and suffering"; "Teaching and mental health", of which those who referred to teaching work in basic education, and high school, as well as those who dealt with issues such as training or those who referred to the specific role of tutors in distance education were disregarded. It ended with 99 articles. The research results indicate that the changes in the conditions of the teaching worker in his exercise, together with the new experiences and experiences of university professors, including social demands related to them, have reached the health of the teaching worker.

Keywords: Teaching Work. Higher Education. Illness. Health.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID	Classificação Internacional das Doenças
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EaD	Educação à Distância
IES	Instituição de Ensino Superior
INSS	Instituto Nacional de Segurança Social
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
<i>Scielo</i>	<i>ScientificElectronic Library Online</i>
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNIUBE	Universidade de Uberaba

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 01	Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Uberlândia-MG, 2019	73
Quadro 02	Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Uberaba-MG, 2019.....	76
Quadro 03	Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Araguari-MG, 2019	78
Quadro 04	Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Ituiutaba-MG, 2019	81
Gráfico 01	Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação. Uberlândia, 2019	75
Gráfico 02	Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação. Araguari, 2019.....	80

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Uberlândia-MG, 2012-2018.....	74
Figura 02	Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Uberaba-MG, 2012-2018	77
Figura 03	Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação	77
Figura 04	Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Araguari-MG, 2012-2018	79
Figura 05	Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Araxá-MG, 2012-2018.....	80
Figura 06	Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Ituiutaba-MG, 2012-2018	81
Figura 07	Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo escolaridade	82

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	CAPITALISMO, EDUCAÇÃO, E TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO	16
2.1	A profissionalização docente no século XXI: a necessidade de estar sempre em busca de conhecimento	26
2.2	Capitalismo flexível e suas consequências no século XXI.....	30
3	TRABALHO DOCENTE: ENTRE O PRESCRITO E O REAL.....	35
3.1	O caminhar do trabalho docente até o século XXI	36
3.2	Trabalho docente: seus significados, modelos e transformações	38
3.3	Entre o trabalho prescrito e o trabalho real	50
3.3.1	<i>Prescrição: necessidade, causa e consequências</i>	50
3.3.2	<i>Flexibilização do trabalho docente como uma consequência real.....</i>	50
4	TRABALHO DOCENTE: RELAÇÕES DIALÉTICAS ENTRE SAÚDE E DOENÇA	57
4.1	O cenário do mundo do trabalho e a saúde de docentes no século XXI no Triângulo Mineiro: um recorte da produção científica documental....	57
4.2	O mundo do trabalho e seus efeitos	65
4.2.1	<i>Angústia</i>	66
4.2.2	<i>Depressão</i>	69
4.3	Os dados da Organização Mundial do Trabalho	73
4.3.1	<i>Uberlândia</i>	73
4.3.2	<i>Uberaba.....</i>	76
4.3.3	<i>Araguari.....</i>	77
4.3.4	<i>Araxá.....</i>	81
4.3.5	<i>Ituiutaba</i>	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
	A VIDA E A PESQUISA	92

1 INTRODUÇÃO

O mundo mudou e com ele as relações humanas e de trabalho também se modificaram. As transformações políticas educacionais, em especial as que ocorreram no ensino superior privado, analisadas e estudadas nessa dissertação, fizeram com que os professores precisassem modificar sua forma de trabalhar e suas responsabilidades, tornando-se ao mesmo tempo avaliadores, educadores, e alguns ainda se arriscando na área da pesquisa.

Mas com o passar do tempo, e com a concretização do pouco investimento dos governos e, em alguns casos, das empresas contratantes, os professores precisaram ocupar lugares mais distintos e mais complexos, chegando às vezes a fazer papéis de agentes sociais e de saúde.

Os trabalhadores docentes configuram-se em uma posição estratégica de todo o cenário social, tornando-se, especialmente, a parte mais próxima da sociedade, quiçá a única, que possui uma caminhada de livre acesso, ao mesmo tempo que possui a função de falar, e ocupa a função de escuta daqueles que estão neste espaço.

As pessoas passam muito tempo de suas vidas nas escolas e em salas de aulas, o que faz com que os trabalhadores docentes precisem estar sempre em constante evolução, para dar conta do constante progresso e transformação do conhecimento e da informação. Essa sensação de que o trabalho não acaba, que sempre tem algo a se fazer e a ser feito, pode em muitos casos trazer cansaço, estresse e até mesmo sofrimento e mal-estar, e essas questões por consequência podem gerar adoecimentos.

Portanto esse estudo tem como problema o fato de como o mercado de trabalho e as condições de seu exercício, juntamente com as novas vivências e experiências de professores universitários do ensino privado, incluindo as demandas sociais a eles relacionadas, têm atingindo a saúde desse trabalhador docente?

Com o objetivo geral essa dissertação tenta compreender se os trabalhadores docentes estão adoecendo em decorrências das suas funções e experiências laborais. Por meio dos objetivos específicos podemos compreender as influências do capitalismo no mercado educacional do século XXI. Contando com as especificidades dos modelos e tipos de trabalho docente presentes na atualidade. Por fim os efeitos do capitalismo na saúde do trabalhador docente do Triângulo Mineiro.

O presente estudo inseriu-se na linha de pesquisa “Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo de Ensino-Aprendizagem”, que foi oferecida na Universidade de Uberaba (UNIUBE), vinculando-se ao projeto de pesquisa “Trabalho e Profissão Docente na

Cultura Virtual: tendências, conteúdos e implicações para a subjetividade e a saúde de professores”.

Ao desenvolver a pesquisa utilizei metodologias e referenciais teóricos que me nortearam e conduziram a fim de não perder o rigor crítico e responsável de uma pesquisa. Mas devemos sempre lembrar que toda modalidade de conhecimento realizado por nós implica uma condição prévia e um pressuposto que estão relacionados à nossa subjetividade e concepção da relação sujeito-objeto. Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos, de tal forma que, a partir de alguns fatos observados, tende-se a concluir a identificação que irá se aplicar a todos os fatos da mesma espécie.

Para tanto, segundo Severino (2013), nunca devemos esquecer que, ao fazer ciência, o homem parte de uma determinada concepção acerca da natureza do real e acerca do seu modo de conhecer. Ou seja, ele analisa sua demanda por meio daquilo que conhece e que chega até ele por demandas espontâneas, ou por sofrimentos. A epistemologia contemporânea, com tradição subjetivista, questiona a excessiva priorização do objeto na constituição do conhecimento verdadeiro. A tradição filosófica dialética vê a reciprocidade sujeito-objeto eminentemente como uma interação social que vai se formando ao longo do tempo histórico. Para os pensadores subjetivistas o conhecimento não pode ser entendido isoladamente em relação à prática política dos homens, mas sim devem dar prioridade à ação social histórica por uma intencionalidade que lhe dá sentido, ligada inteiramente à transformação das condições de existência da sociedade humana (PLATÃO; ARISTOTELES; NIETZSCH; SARTRE; FREUD; ANTUNES; MARX).

Diante do rigor técnico e metodológico, foi escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa o modelo de estruturação e de pensamento documental, que, segundo Pádua (1997) resulta na pesquisa realizada a partir de documentos contemporâneos, considerados cientificamente autênticos, a fim de descrever e comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências. Nesse tipo de pesquisa, existe ainda a utilização das metodologias quantitativas através dos dados que serão expostos e buscados através de uma das plataformas mais respeitadas no âmbito do trabalho que é OIT, onde na mesma o dados numéricos já estão compilados e tratados, cabendo ao pesquisador apenas a interpretação e forma de utilização dos mesmo que serão feitas por meio de metodologias qualitativas, que são capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como aspectos inerentes aos atos, relações e estruturas sociais, sendo estes compreendidos como construções humanas significativas, apreendidas no cotidiano da experiência e da explicação das pessoas as quais vivenciam

determinado fenômeno. A pesquisa qualitativa é utilizada em níveis de realidade que não podem ser quantificados visto que ela engloba significados, motivos, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2013).

E assim se constitui este estudo, por níveis que não podem ser apenas quantificados, mas que necessitam de um tratamento e/ou uma análise para poder ter seu sentido mais amplo valorizado. Por isso, além da visão qualitativa do estudo, teremos a análise das construções feitas a partir das leituras bibliográficas e dos dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

O “mal-estar” docente é uma realidade incontestável decorrente das mudanças políticas, educacionais e mercadológicas que cada vez mais atingem o trabalhador docente, seja por falta de condições ou, seja principalmente, por um desgaste emocional e/ou biopsíquico. Por isso a Seção 02 desse estudo propõe uma abordagem sobre a influência e as consequências do capitalismo no mercado, em específico no mercado educacional do século XXI. Objetivou-se, ainda, analisar os efeitos e as implicações para a sociedade, especialmente para os trabalhadores docentes que, antes de qualquer coisa, todo trabalhador docente, independentemente da área específica, é um trabalhador da educação, ou seja, um trabalhador que proporciona laços e afetos que podem ser incentivos e até mesmo ideias para sair de qualquer crise.

Já na Seção 03 o objetivo foi apresentar e esclarecer os conceitos do trabalho docente, assim como também seus tipos, composições e formatos mais presentes nos últimos tempos, para que, posteriormente, na Seção 04 se falasse sobre o que esse cenário causa na saúde desses trabalhadores. Foi preciso considerar que o ser humano não permanece o mesmo, uma vez que o trabalho altera sua visão de mundo e de si mesmo (CODD, 1984).

Para finalizar essa dissertação, a Seção 05 apresentou todas as concatenações, resultados e ideias vindas de um pressuposto histórico-dialético que, acima de tudo, considerou a subjetividade e a particularidade de cada teórico que contribuiu para que se chegasse até aqui.

Aos professores que forem ler essa dissertação, fica o convite para que não descuidem da sua missão de educar, e muito menos desanimem diante dos desafios que irão surgir durante o caminho, nem deixem de pensar em como nosso querido Paulo Freire disse, em alguns dos seus escritos: “Precisa-se educar e ensinar as pessoas para serem como ‘águias’ e não como ‘galinhas’”. Afinal, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda (FREIRE, 2000). Precisamos sempre nos lembrar do porquê escolhemos esse caminho e qual o propósito maior que nos fez chegar até aqui, uma vez que o brilho da vida está nos olhos de quem a vive. Dessa forma, não podemos adoecer aqueles que um dia

possibilitaram sonhos, sendo que quase sempre esses sonhos estavam voltados a transformar realidades e possibilitar vidas melhores (FREIRE, 1996).

2 CAPITALISMO, EDUCAÇÃO E TRABALHO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRIVADO

Nesta seção, apresento a influência e as consequências do capitalismo no mercado, especificamente no mercado educacional do século XXI. O objetivo foi analisar seus efeitos e implicações para a sociedade, especialmente para os trabalhadores docentes, empenhando-me, assim, na apresentação desses no contexto do capitalismo do século XXI, o qual pode influenciar as vivências e as relações docentes.

O capitalismo do século XXI muitas vezes descrito em artigos, jornais e periódicos é definido por Roedel; Martins (2018) como “aquele que exerce o poder de condicionar e articular as relações sociais no âmbito da economia e da cultura”, por intermédio da internet. Assim, devido à rapidez da divulgação das informações e com os incentivos das suas produções, as barreiras e os limites para o conhecimento passaram a não ser empecilhos na vida dos indivíduos, tornando o trabalho docente cada vez mais doméstico. As questões relacionadas ao planejamento e as correções de atividades em casa, à produção de atividades de extensão, ao acompanhamento das questões burocráticas como lançamento de notas e faltas, além do esclarecimento de dúvidas em tempo integral passou a ser rotina dos trabalhadores docentes.

Pode se reconhecer que a informação está no bolso de cada um, a um instante da curiosidade, propiciando conhecimentos que podem ser produzidos, armazenados, distribuídos, acessados e compartilhados, em todos os lugares do mundo que forneçam equipamentos e conectividade. Assim, é possível transformar qualquer espaço em um local de conhecimento e de aprendizagem desde que haja conexão e acessibilidade de conteúdos e informações de qualquer lugar e a qualquer hora. Portanto, isso faz com que, os docentes possam estar por toda parte, seja nas salas de aulas tradicionais, nos centros de pesquisas e até mesmo nas plataformas digitais (internet), estando cada vez mais distribuídos, ora nos pequenos, ora nos grandes meios de facilitação do conhecimento, não tendo limites de frequentadores.

Com a expansão do EaD os docentes estão nos vídeos, nas salas, nas faculdades e nos centros educacionais possibilitando a transmissão de conhecimento. Essa ausência de limitação geográfica pode provocar a expansão do docente, gerando grande desenvolvimento e expansão ao capitalismo educacional e à população, onde todos os lugares podem se tornar um espaço para se chegar ao conhecimento.

Os trabalhadores docentes formam cada dia mais, novos profissionais que são habilitados para o exercício de suas profissões com a esperança de serem confiáveis, éticos e competentes. No entanto, creio que não podemos deixar de observar esses trabalhadores

docentes que contribuíram para o processo de formação e desenvolvimento profissional, assim como, não devemos desconsiderar o cenário atual mercadológico com suas transformações colocadas pelo capitalismo.

Segundo Bianchetti; Sguissardi (2017) é importante combater a mercantilização da educação.

... que materializa a educação como uma mercadoria vendável do aluno como cliente/comprador, da formação mínima ou dispensável quando se entra no circuito da transmissão da informação e não da construção da socialização de saberes (BIANCHETTI; SGUISSARDI, 2017, p. 108).

Assim, possivelmente criou-se um enviesamento do ensino, onde o aluno que paga pelo seu ensino, se transforma em um consumidor e como resultado dessa equação precisa ao fim de todo o processo receber um diploma, pelo qual pagou. Esquecendo-se da parte mais importante de todo esse processo, que se configura em mais do que adquirir informação, conhecimento e diploma. Mas em interioriza e prender conhecimentos e saberes.

Vale a pena ainda lembrar o impacto da presença maciça das tecnologias digitais e da velocidade das informações tanto para o educador quanto para o processo educacional. A esses novos profissionais é necessário oferecer oportunidades de formação e desenvolvimento durante o exercício de sua profissão, embora os aperfeiçoamentos nem sempre estejam disponíveis. É necessário que os trabalhadores docentes se reinventem e aprendam a lecionar com o auxílio de ferramentas como portais, blogs e atividades eletrônicas que o capitalismo, em sua fase de acumulação flexível, e a sociedade apresenta para cada profissional inserido no mercado, bem como no momento das vivências em sala de aula e nas questões institucionais.

Embora trabalhem na maioria das vezes com o conhecimento e com a razão, os trabalhadores docentes estão sujeitos aos impactos das transformações que podem gerar o adoecimento por estarem expostos, na maioria do tempo, ao trabalho e as consequências dele, como por exemplo, as jornadas duplas ou até mesmo triplas, os desgastes das cordas vocais, os problemas de circulação sanguínea nas pernas decorrentes do tempo elevado em uma mesma posição (geralmente em pé), e, por fim, do estresse.

As queixas músculoesqueléticas – dor nas costas, dor nas pernas, dor nos braços – podem estar relacionadas ao fato de os professores permanecerem por longos períodos de escrever em quadro de giz, carregar material didático para salas de aulas, ser responsável pela instalação de recursos audiovisuais, deslocamento constante de um prédio para outro e inadequação das mesas e cadeiras. Pesquisa de Porto e colaboradores (2004) mostraram que as doenças mais frequentes entre

professores são tendinite, bursite, rinite, sinusite, doenças da laringe e das cordas vocais. Todas essas queixas, também, foram destacadas em estudo de Araújo e colaboradores (2005) com professores universitários, além das relacionadas à saúde mental (LIMA; LIMA FILHO, 2009, p. 72).

Quase sempre esses quadros são agravados e proporcionados por, não existir mais um limite ou carga horária fixa de trabalho. A cada dia que passa torna-se mais presente o trabalho flexível, e cada trabalhador docente, para manter uma qualidade de vida, necessita estar sempre aberto a novos trabalhos e ao aumento da sua carga horária, tornando-se cada vez mais um trabalhador flexível. Castells (2018) define essa situação como o trabalho que não está restrito ao modelo tradicional de 35-40 horas semanais e ao expediente integral. Esse modelo será abordado com mais ênfase posteriormente, na Seção 03, não cabendo aqui um aprofundamento, apenas uma elucidação de que essa situação está presente já nos moldes atuais do trabalho docente. Basta auxiliar e conhecer melhor qualquer docente para se reconhecer na sua rotina exaustiva e sem limites, com um número cada vez maior de trabalhadores atuando fora do âmbito laboral, de forma parcial ou durante todo o expediente, seja em casa, no trânsito ou em outros diversos locais.

Os docentes fizeram e fazem um trabalho que parece extraordinário, integrando-se ao mundo moderno, de alta tecnologia, além de transformarem suas experiências de sala de aula mais dinâmicas, mesmo não estando mais no controle das demandas, das situações e/ou das resoluções, como nas questões de violência, de gênero, de condições socioculturais e até mesmo o *bullying*, que sobressaem à sala de aula e acabam se tornando questões de cunho administrativo. Com a entrada pesada do capitalismo na educação, ou seja, com grandes grupos comprando escolas e transformando seus modos de atuar em padrões e modelos educacionais a serem seguidos, os docentes estão sujeitados a adaptar-se, por vezes deixando de lado todas as suas experiências de sala de aula para cumprir os modelos educacionais impostos por cada universidade, em particular. São essas vivências do novo mercado, juntamente com o momento atual do trabalhador docente, que estão sendo questionadas como possíveis causadoras de alterações na saúde desses trabalhadores. Tais vivências acabam fazendo com que os trabalhadores docentes optem por aderir aos novos modelos educacionais produzidos pela proposta capitalista de gerar/produzir lucros por meio do conhecimento ou por se retirar, ficando fora do mercado de trabalho.

Muitos trabalhadores docentes estão adoecendo diante da sobrecarga de trabalho, das transformações sociais vivenciadas e das ações mercadológicas impostas pelo capitalismo. Apesar de o trabalho ser considerado a essência constitutiva do ser humano, como categoria

que institui o ser social, tem que compreender e aceitar que o capitalismo ganhou forma e cena principal em qualquer situação. Se o trabalho alicerça o homem, no instante em que o trabalhador é explorado e não se sente livre em sua atividade vital, torna-se estranho a ele, provocando sofrimento (OLIVEIRA, 2010).

[...] ameaça o próprio corpo, fadado à decadência; o mundo externo, que pode voltar-se contra ele com forças de destruição e o relacionamento com outros, colocado como talvez sendo a fonte de sofrimento mais penoso. A defesa imediata contra este sofrimento seria o isolamento, porém que o melhor caminho é o de tornarmo-nos membros da comunidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 30).

Atualmente o mercado de trabalho centrado no capitalismo do século XXI e marcado por um modelo flexível, resulta em trabalhadores docentes adoecidos, tanto na ordem física quanto na somática, apresentando sofrimentos e angústias no âmbito laboral, os impossibilitando de ser também seres sociais.

Algo totalmente novo está acontecendo. Nos últimos anos, a maioria das pessoas passou a portar um *smartphone* que trouxe alterações na subjetividade, na identidade e no comportamento social. Estamos sendo monitorados e avaliados constantemente, e recebendo o tempo todo um novo comando. Estamos sendo hipnotizados pouco a pouco por técnicos que não podemos ver, por propósitos que não conhecemos nos tornando cada dia mais seres humanos integrados às redes em uma proporção desmedida.

O capitalismo pode ser denominado, segundo Harvey (2016),

[...] como qualquer formação social em que os processos de circulação e acumulação do capital são hegemônicos e dominantes no fortalecimento e moldagens das bases materiais, sociais e intelectuais da vida social (HARVEY, 2016, p. 21).

Apresentado o conceito formulado por Harvey (2016), faço então um paralelo entre o capitalismo e o âmbito educacional, pontuando qual a influência desse modelo econômico no mundo atual e quais as suas consequências na educação.

Podemos entender e compreender o capitalismo na educação como sendo aquele modelo que propiciará ao trabalhador docente maior possibilidade de dispersão e fluidez da informação e do conhecimento, podendo chegar a muitas pessoas de uma maneira mais rápida e prática, com a ajuda das redes, trazendo também a possibilidade e, conseqüentemente, a necessidade de formação da sua clientela, para usar e dominar a tecnologia que traz a informação. Entretanto, não se deve esquecer que a proposta principal do capitalismo dentro da educação é de circulação

e acumulação do capital, onde a produção da informação e do conhecimento circule e gere lucro para aquele que está investindo na educação.

Torna-se claro que o trabalhador docente cria e reproduz cada vez mais valores/mercadorias para que os capitalistas possam obter lucro e, conseqüentemente, formação/conhecimento. Essas informações/conhecimentos devem ser condizentes com a necessidade que o mercado apresenta, possibilitando um sucesso advindo do binômio Capitalismo x Educação, gerando ao mesmo tempo, e nessa ordem, lucros, informações e, por último, conhecimento. Todos esses elementos, fatos e situações buscam a lucratividade por meio do fortalecimento capitalista, sendo a educação um fator conseqüente e não resultante.

O lucro, afinal de contas, é o motivo pelo qual o capitalista investe na educação e encara todas as dificuldades e riscos desse processo.

As possibilidades de ganhos na educação e com a educação têm probabilidades imensuráveis. A educação, a cada dia que passa, torna-se um dos maiores objetos de consumo da população. O trabalhador docente está longe de ter seu fim, a única coisa para a qual precisamos nos atentar e adaptar é que o mundo está mudando cada vez mais rápido, e as formas de se consumir educação também estão se alterando. Os modelos de educação anteriores, muito conhecidos como educação 2.0 e 3.0 estão se tornando obsoletos. Com essas transformações, o trabalhador docente necessita de um aprimoramento e desenvolvimento das novas formas pedagogia (BRAND, 2010, p. 175).

Os capitalistas posicionam-se a partir da geração de lucro, e a educação gera bastante lucro quando feita de maneira consciente e estruturada, sobretudo quando nos atentamos para a circulação e a geração de informação e conhecimento. No entanto, ela pode também conseguir formar o cidadão por meio do trabalhador docente transmitindo em seus ensinamentos, além de fatores pedagógicos, os valores de troca, ética e até mesmo a habilidade de socialização e vivência em sociedade, diminuindo, na medida do possível, as possibilidades de adoecimento. A educação leva em consideração que as relações, portanto, não passam a ser apenas pedagógicas e comerciais. Entretanto, deve-se lembrar que sempre haverá grandes competições por produtividade, competência e lucro.

O capitalismo compõe hoje uma imposição de desejos e ações cada vez mais poderosas manipulando os desejos da sociedade ligados à produção de bens de consumo e lucratividade. A circulação do conhecimento gera um acúmulo de bens, tornando-se a moeda mais importante do mercado e mexendo, assim, com os desejos dos indivíduos. Na maioria das vezes, a realização se dá por especializações do capital humano, ou seja, tornando-se mais preparados e especializados para poder produzir melhor e mais, e logo, para poder consumir e satisfazer o

desejo. A educação, com isso, torna-se o meio pelo qual os desejos e os sonhos podem se realizar, e com isso, ela também se torna a moeda de troca mais valiosa e importante do século XXI, juntamente com o capitalismo.

O modelo capitalista gera crises no trabalhador docente, e esse trabalhador precisa aceitar que sua função agora, na maior parte das formas e modelos de ensino, é circular e acumular o capital investido, tornando-se o curador da informação. Mas para que ele possa desempenhar melhor esse papel, é preciso, também, ser o consumidor dessa informação e conhecimento, deixando claro quem é a mão de obra e quem é o receptor dos lucros. Porém, essas crises, muitas vezes, são vistas pelos capitalistas como momentos de transformações, tornando-se indispensáveis para a reprodução do capitalismo.

Contudo, o que há de tão notável nas crises não é tanto a ampla reconfiguração da paisagem física, mas as mudanças drásticas no modo de pensar e entender, nas instituições e ideologias dominantes, nos processos, alianças e subjetividades políticas, nas tecnologias e formas organizacionais, nas relações sociais, nos costumes e nas preferências culturais que permeiam a vida cotidiana (HARVEY, 2016, p. 9).

Segundo Harvey (2016, p. 9) “a saída de uma crise contém em si as sementes das crises que virão”. As mudanças tecnológicas, nas formas organizacionais, nas relações sociais e nas preferências da vida dos seres humanos no cotidiano podem gerar mais trabalho e adoecimentos, visto que, ainda segundo o autor supracitado, as esperanças estão concentradas no capitalismo pautado, em primeiro plano, no conhecimento, na engenharia biomédica, na engenharia genética e, por fim, na inteligência artificial. Podemos observar que o melhor instrumento para retirar qualquer situação de um momento de crise é a educação como um todo, mas em especial a possibilidade de usar e gerar conhecimento.

Existem áreas que podem gerar e circular um valor maior que as demais, como citado acima, pelas suas especificidades e pelas necessidades da sociedade como um todo. Entretanto, essas distinções e a melhor valorização de determinados segmentos podem causar sofrimentos nos trabalhadores das demais áreas e até mesmo adoecimentos, pois mexem com o narcisismo do docente. Devemos lembrar que todo trabalhador docente, independentemente da área específica de atuação, é um trabalhador da educação, e para que seu desenvolvimento como docente de uma área específica ganhe mais valor, significado e sentido, ele precisa desenvolver-se profissionalmente e dominar as novas tecnologias e pedagogias, no sentido de gerar conteúdo, valor e conhecimento, para que então essas ações gerem a mais valia, que poderá transformar a sociedade.

[...] o lugar do trabalho é ainda totalmente fundamental e a socialização não pode acontecer convenientemente sem o trabalho. É assim que nos tornamos cidadãos, com direitos e deveres, que temos um sentimento de legitimidade e de nosso lugar na sociedade. O lugar do trabalho é certamente mais importante hoje porque houve um desvio do conteúdo e do papel do trabalho. Ele não é mais simplesmente o lugar da legitimação, mas é igualmente o lugar da valorização de si, sob um ponto de vista narcísico. É nele que supostamente devemos fazer nossas experiências, nos realizarmos, manifestarmos nossas capacidades, nos desenvolvermos e provarmos que somos bons e melhores que os outros. Há uma narcisização daquilo que está em jogo no trabalho. Antes, era um lugar da socialização, da experiência comunitária, os coletivos assumiam um papel muito importante na regulação dos sofrimentos e das vivências. Agora, ele se transformou em um face-à-face, um tanto narcísico, entre o trabalho e si mesmo. É nele que devemos nos valorizar, fazermos nossas experiências, nos desenvolvermos. Se não pudermos fazer isso, há uma amputação extremamente importante no plano psíquico, narcísico e, portanto, um sofrimento ainda mais forte (TUMOLO; FONTANA, 2008, p.137-138).

Com isso um dos principais fatores estressores e causadores de adoecimento no trabalhador docente são o próprio ambiente de trabalho, onde as formas de demonstrar a importância dos profissionais, tanto por parte dos gestores quanto da sociedade, pode influir diretamente no cenário econômico, transformando-o, assim, em locais de competição e supervalorização individual.

A mercantilização das forças de trabalho para gerar lucro ao capitalismo abriu caminhos para o que hoje chamamos de trabalho flexível. Nesse modelo, não mais existem uma carga horária fixa e um limite, pois o limite encontra-se na “consciência” do trabalhador que se automonitora, juntamente com a “assistência” dos alunos que, estando presentes, demandam respostas, a todo o momento, através das tecnologias e das redes, encaminhando mensagens sem distinção de hora. Trago esse conteúdo para elucidar que o capitalismo provoca uma possível mudança em relação ao tempo de trabalho.

Os docentes são contratados por horas de trabalho, alguns com contrato de horas menores (denominados como horistas na legislação), outros com maior quantidade de horas (denominados dedicação exclusiva ou quarenta horas por semana). Mas os próprios docentes, para manter o emprego e conseguir cumprir com suas tarefas e seus compromissos, permitem e aceitam executar uma carga horária sempre maior do que as contratadas. As instituições, por sua vez, de maneira quase sempre subentendida, permitem que essa situação ocorra, porque demandas maiores que a carga horária sempre existiu, e as tarefas que são levadas para casa como correções de provas, elaborações de aulas e orientações de trabalhos com os alunos, são exemplos das situações extraclasse que os professores executam e que sempre executaram,

porém, atualmente, com uma diferença é que agora com um número maior de alunos. Essas demandas, na maioria das vezes, podem gerar maior lucro para o contratante, porque sempre que são atendidas, geram satisfação ao cliente; mas ao trabalhador causam uma sobrecarga física e emocional, favorecendo o adoecimento.

Na maior parte, o objetivo do capitalismo é obter valor de troca e não valor de uso. Tal fato ocorre na educação, e segundo Bianchetti; Sguissardi (2017, p. 95) “a condição da universidade, da educação superior e dos alunos chegará a esse extremo representado pela ‘mercadoria/ensino’ que se negocia na bolsa de valores.” Nesta perspectiva, mais do que fazer com que a informação e o conhecimento circulem, os trabalhadores docentes precisam proporcionar lucro, sendo cada vez mais efetivos e produtivos. Por isso, os processos que geram a educação não lhes são de total interesse, à medida que os docentes dão cada vez mais ênfase ao resultado da educação em si. Logo, essas questões são importantes para a continuação do trabalho, podendo assim diminuir problemas nas vivências e demandas sociais do mesmo, além de promover a saúde do trabalhador docente. Mas não podemos nos esquecer de que os capitalistas consideram a educação e seus processos em si como lucrativos. A gestão capitalista e o cenário atual do trabalho primam por aperfeiçoamentos e atualizações dos seus trabalhadores, para que suas metas e recursos sejam cada vez mais efetivos.

O fato é que não tem como vivermos sem o capitalismo que é imposto e presente no nosso cotidiano. Em alguns momentos, ele se apresenta como dinheiro, em outros, por meio de produção, em alguns instantes, é mão de obra, em outros, é dinheiro vivo. Mas sempre é capital.

O mercado de trabalho vem sofrendo uma grande influência do capitalismo e dos modos de trabalho; contudo o propósito é sempre circular informações e conhecimentos para que, então, se possa acumular capital. A diferença entre o momento atual e as décadas anteriores é que hoje não existem mais fronteiras físicas. Por causa do apoio da internet e das redes sociais existe uma grande possibilidade de que se tenha sempre mais trabalho e mais circulação de conhecimento, gerando assim mais renda aos empresários e mais trabalho para a mão-de-obra.

Com o mercado de trabalho atual e as gestões modernas, exige-se mais flexibilidade, mobilidade e disponibilidade, quase sempre totaldos trabalhadores docentes, de tal forma que esse trabalhador docente possibilite ao seu chefe e ao seu trabalho uma dedicação eficaz na execução. Não basta estar presente, é necessário ser eficaz, rápido e pontual, o que pode, portanto, trazer, um narcisismo para o ambiente de trabalho e acirrar ainda mais a produção e a competição entre os docentes para uma entrega maior dos seus resultados. Para as empresas, essa questão, enquanto não gerar adoecimento, afastamentos e processos, é extremamente

valiosa, porém passível, sim, de um adoecimento tanto físico, pelo desgaste do trabalho excessivo, quanto psíquico, pela sobrecarga e autocobrança, podendo chegar ao suicídio.

Os trabalhadores estão o tempo todo sendo avaliados, comparados, julgados, sabendo que são exigidos sobre a excelência e a capacidade permanente de ir além de provar que merecem o lugar que têm. Contudo, a gestão moderna também os mantém em um estado de excitação e insegurança. Quando o que se leva em conta é o resultado final, ou seja, o lucro e não simplesmente a capacidade deste profissional docente de se empenhar, dedicar e trabalhar muitas horas, o que mantém um bom rendimento aliado à circulação e acumulação de capital, tem mais chances de um emprego do que aquele que não produz(LINHART, 2014, p. 51).

Os cenários atuais, as constituições de possibilidades, quase sempre apontam para uma produção de um estado de espera, de aguardar. Se você está produzindo bem, mantendo as expectativas do cliente e produzindo lucro, você se torna uma peça valiosa para a empresa, entretanto se você não atinge as metas e tem lucros menores que os demais, sua capacidade será reavaliada.

Podemos perceber que o mundo não cansa de nos apresentar suas transformações. São evoluções na saúde, investimentos nas áreas das finanças, mudanças sociais e climáticas, novas pedagogias e modelos de educação. A cada dia que passa uma nova empresa, um *startup* ou novos modelos de negócios e trabalhos são criados a fim de melhorar e facilitar a vida dos seres humanos e logo dos trabalhadores docentes.

O conceito de trabalho atual necessita de uma rememoração e até mesmo de um resgate. Diante dessa proposta, o conceito de trabalho supõe que o mesmo seja sempre uma obrigação para ganhar a vida, uma subordinação e uma fonte de sofrimentos físicos e mentais. Nessa direção, Dal Rosso (2008) destacou:

Das especificidades próprias do trabalho contemporâneo parece resultar um conjunto de problemas de saúde de natureza diversas. Em decorrências das crescentes exigências emocionais e mentais do trabalho supomos que seria possível encontrar sinais de um volume maior de problemas dessa ordem sobre saúde dos empregados, a despeito do fato de o trabalho material continuar produzindo seus efeitos sobre os corpos em termos de acidentes, lesões físicas e doenças permanentes, pois a sociedade industrial não está abolida em hipótese alguma (DAL ROSSO, 2008, p. 136-137).

Por outro lado o trabalho pode trazer qualificações e benefícios para a sociedade, entretanto sem deixar seu caráter de labor. Pontos positivos esses como: favoráveis à saúde, por exemplo, produções de obras, recursos, ciências e outras atividades que

possam sempre apresentar uma inovação, um melhoramento ou um produto tanto para consumo quanto para os serviços úteis como o trabalho médico, jurídico, psicológico e de cunho educacional.

O trabalho pode ser visto como algo que possibilita e traz sentido à existência individual, podendo organizar a vida em sociedade. Quer seja chamado de “ofício”, “vocação” ou “profissão”, a partir do momento que produz algo, não pode ser visto apenas como “a troca econômica de um gasto de energia por um salário, mas com uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social” (DUBAR, 2012, p. 354).

Segundo o pensamento subjetivista do autor supracitado o trabalho organiza a vida social e em sociedade, pode se destacar como um fator de equilíbrio pessoal e físico. Particularmente, um indivíduo que possui uma atividade laboral, com sentido e consciência, que sabe sua importância e o que esperar dessa atividade, tem grandes chances de se manter social e mentalmente ativo, possibilitando, assim, mais expectativas de qualidade de vida.

A população, de uma forma geral, pensa no trabalho apenas como uma moeda de troca, onde ao realizar uma atividade recebe um *quantum*. Entretanto os gestores modernos e o cenário atual do capitalismo não se permitem mais exclusivamente esse pensamento. Onde se contrata trabalhadores apenas para cumprir sua carga horária e receber seu honorário. Hoje se torna necessário estar agregando algo ao seu produto ou ao próprio trabalho, buscando cada vez mais um melhor desenvolvimento profissional para agregar valor e lucro às empresas. As pessoas buscam vivências e experiências que possibilitem lucro, produtividade e até mesmo bem-estar, para atingir os sentimentos de completude, diminuindo assim as chances de um sofrimento e adoecimento.

A nova geração que se encontra no mercado de trabalho hoje, a geração Y, com sujeitos nascidos a partir de 1980 até meados de 1997, tem uma relação diferente com o mundo e com a sociedade, em especial com a vida profissional, onde “as tarefas são compartilhadas como nunca, e há um cuidado com o equilíbrio entre trabalho e vida pessoal como em nenhuma geração anterior” (BORRULL, 2019). Para a geração que hoje representa uma parte dos trabalhadores existe uma tentativa de equilíbrio entre os lucros e a vida pessoal. É necessário mais que valores financeiros para que os novos trabalhadores estejam satisfeitos com suas posições no mercado de trabalho e no mundo capitalista do século XXI, para se sentirem pertencentes deste mundo, e cada vez mais realizados, não havendo sofrimento e doenças decorrentes do trabalho, proporcionando sempre uma tentativa de equilíbrio.

Segundo Linhart (2014, p.7), quando o mercado propõe:

Um ideal de trabalho inatingível mantém os assalariados em suspense, em uma tensão que acredita ser altamente produtiva. Assim, a precarização subjetiva é, de certo modo, uma meta perseguida pelos dirigentes, querendo que seus trabalhadores não se acomodem nas facilidades das rotinas profissionais.

É justamente essa tensão e esse suspense que fazem com que os trabalhadores sejam mais produtivos, com mais carga de sofrimento e mais adoecimento. No entanto, o trabalhador do século XXI quer muito mais do que dinheiro e estabilidade, ele deseja desafios e a construção da própria identidade profissional, mediante os percursos das suas atividades dentro do mercado de trabalho (DUBAR, 2012). Esse mercado que assim como o trabalhador, em especial o docente, busca remunerações e espaços com os quais se identifiquem, fazendo com que ele enfrente os desafios e construa sua história no mercado e no cenário atual.

Podemos observar atualmente com a popularização da internet e das redes sociais, e com as possibilidades de interação que elas nos trazem, que o capitalismo compreende essa oportunidade e aproveita essa ausência de fronteiras geográficas para a acumulação e a circulação do seu capital, enfatizando a necessidade dos trabalhadores ficarem atentos para o fato de estarem cada vez mais inseridos no mercado de trabalho, com a necessidade de produzir e ser cada vez mais efetiva em contraponto às suas vidas sociais.

2.1 A profissionalização docente no século XXI: a necessidade de estar sempre em busca de conhecimento

Nesta subseção falaremos da importante necessidade do trabalhador docente estar sempre em busca do desenvolvimento profissional do século XXI, para que a cada dia ele possa estar mais inserido do mercado de trabalho.

Segundo Abbott (1988) *apud* Dubar (2012, p. 354) o termo *profissionalização* invadiu o campo do trabalho, inclusive do trabalho docente e de sua gestão na maioria dos países desenvolvidos. O imperativo de ‘tornar-se profissional’ foi envolvendo pouco a pouco todas as atividades remuneradas, a fim de construir junto com esses profissionais uma identidade de trabalho, visto que o número de pessoas que estavam ocupando empregos considerados “não qualificados” diminuiu por toda parte entre as populações ativas. Levando em consideração as possibilidades de empregos cada vez mais autônomas, e possibilitando maior identificação do trabalhador com o trabalho, a busca de um possível equilíbrio entre vida profissional e pessoal leva em consideração que esse trabalhador poderá organizar suas horas de trabalho.

A maioria da população busca tornar-se profissional em troca da saída da miséria no mundo capitalista do século XXI, para cada vez mais ter a possibilidade de melhorar seu potencial profissional e desenvolver-se na carreira, ficando assim mais próxima de um trabalho que lhe traga prazer e possibilidades.

Castells (2018, p. 319), em seu livro *A sociedade em rede*, alerta-nos que “na era do processamento da informação, as inovações tecnológicas suprimem os empregos de baixa qualificação e cria de alta qualificação”, o que faz alavancar rapidamente as oportunidades para quem se qualifica. Entretanto, esse mesmo autor mostra que a melhoria do trabalho depende das condições de satisfação do trabalhador e da segurança no emprego.

Algumas vezes os trabalhadores encontram-se em dúvida, entendendo que deve estar em constante aperfeiçoamento, para poder ser mais efetivo e produtivo e ter a possibilidade de uma estabilidade e segurança no emprego. No entanto, ao mesmo tempo, com as novas formas de regimes de trabalho, como por exemplo, o trabalho flexível, ele não encontra o equilíbrio necessário para não adoecer, o que é frequentemente muito difícil, pois o capitalismo exige uma constante atuação e participação.

Situar assim o trabalho no centro da vida social e das existências individuais constitui uma característica essencial da modernidade, sendo que uma característica desse processo é uma formação ativa e constante. Porque, como dito anteriormente, a geração Y e todas as que vêm após ela trabalham não apenas por dinheiro, mas sim no intuito de encontrar sua identidade profissional e seu equilíbrio, colocando-se sempre em desenvolvimento profissional e pessoal. Conforme nos apresenta Dubar (2012, p. 365), “todo trabalhador merece um salário, mas deve-se acrescentar a isso que todo trabalho deveria ser formador, já que grande parte da vida se passa trabalhando”. Todo ser humano, todo trabalhador que tende a estar no mercado de trabalho, deseja, além das condições financeiras e do lucro, que seu trabalho lhe acrescente desenvolvimento profissional e reconhecimento da sua ocupação e, por que não dizer, prazer e satisfação.

Com essas mudanças e alterações apresentadas no mundo do trabalho, até então vistas como flexibilização, dedicação e excelência, vamos começando a entender e aceitar que o trabalho vai se transformando e deixando a imagem que provém do latim (a que passa pelo esforço físico e por um gasto de energia vital) para algo como uma tentativa de resolução da dor e dos problemas, para além de uma prestação de serviços.

Segundo Alves (2014)

“o capitalismo manipulatório do século XXI traça as estratégias de negócios, mas também de gestão do trabalho, buscando captar o aspecto emocional ou perceptivo dos seus trabalhadores” (ALVES, 2014, p. 27).

As empresas e as novas gestões já entenderam que os trabalhadores não trabalham apenas por salário, e então, utilizam de mecanismos a fim de que esse trabalhador acredite na visão e no valor da empresa. A influência do capital não permeia a instância somente da produção, mas também do consumo e do tempo livre dos trabalhadores. Portanto, não se trata fundamentalmente de acumulação de conhecimentos e valores, mas sim de incorporação de uma definição de si e de uma projeção no futuro, envolvendo, antes de tudo, o compartilhamento de uma cultura do trabalho profissional e a exigência de um trabalho bem feito e de excelência.

Crescentes modificações no trabalho levam a um contínuo redimensionamento do agir individual/coletivo dos homens, o que significa um nexos psicofísico em que a atividade mental deve ter uma relação orgânica com aquilo que se exterioriza na forma de ação concreta (GRAMSCI, 2008, p. 62).

O que o autor nos alerta é que as novas gestões passaram a entender que existe uma necessidade de fazer com que o trabalhador docente permaneça no trabalho por algo que o enlace afetivamente, mais que os lucros e o dinheiro, ou seja, é um alerta para a necessidade de junção dos aspectos pessoal e social do trabalho.

A socialização profissional é, portanto, um processo geral que conecta permanentemente situações e percursos, tarefas a realizar e perspectivas a seguir, relações com outros e consigo concebidos como um processo em construção permanente. Nunca devemos esquecer que o ser está sempre em construção, em busca de perspectivas e evolução, que agrega tanto valor quanto experiência.

Alves (2014, p. 65) pontua que “a influência do capitalismo impede que possamos ter no interior do sistema do capital ‘uma vida cheia de sentido’ e de experiências positivas” pelo simples fato de sermos sujeitos desejantes, em constante mudança de desejo e objetivos. Como seres humanos, estaremos sempre em busca de vivências e experiências, de produtos e trabalhos que nos tragam e possibilitem consumir cada vez mais vivências e experiências.

[...] o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. À medida que o capital intensifica a influência, não apenas no consumo, mas também

no local de trabalho, ela se torna obstáculo ao desenvolvimento do homem (BONDIA, 2002, p.25).

Estamos em um momento marcante e influenciado pelo capitalismo suas redes, que até mesmo os desejos podem estar sendo influenciados pelos desejos da circulação e acumulação do capital. Logo, estamos tendo nossos desejos manipulados pelos algoritmos do capitalismo, quase que totalmente influenciados pela manipulação dos seus objetivos. Todo esse percurso irá construir uma estrutura do mundo do trabalhador que hoje acaba por definir os indivíduos e criar uma representação. Com isso, começamos a aprender que o trabalho docente deve ser sempre envolto em qualidade, possibilitando um engajamento subjetivo do trabalhador, acendendo um futuro para ele e para todos aqueles que compram seu trabalho, tornando-os cada vez mais críticos.

O capitalismo do século XXI possibilita e cobra cruelmente uma qualidade e um dar-se aos propósitos, colocando assim o trabalho no centro da vida social e da existência pessoal, constituindo uma característica essencial da modernidade que nenhuma profecia sobre o fim do trabalho conseguiu destruir. O trabalho pode variar em formas, modelos, legislações e tempo, mas jamais acabará. Dentro do âmbito docente, o capitalismo do século XXI enfatiza a necessidade de um novo docente, com habilidades e competências necessárias para atender aos objetivos requeridos pelo mercado, além da capacidade de aceitar que hoje o trabalho docente faz parte do modo de produção capitalista. Neste sentido,

[...] a produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. O trabalhador produz não para si, mas para o capital. Não basta, portanto, que produza em geral. Ele tem de produzir mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital. [...] O conceito de trabalho produtivo, portanto, não encerra de modo algum apenas uma relação entre a atividade e efeito útil, entre trabalhador e produto do trabalho, mas também uma relação de produção especificamente social, formada historicamente, a qual marca o trabalhador como meio direto de valorização do capital. Ser trabalhador produtivo não é, portanto, sorte, mas azar (MARX, 2011, p. 105-106).

Quando se começa a aprender e entender como funciona o modelo, não se quer parar e não se esquece a aprendizagem de uma atividade profissional que é um processo que dura por toda a vida ativa, e mesmo além dela. Isso faz, então, com que o trabalhador docente esteja sempre produzindo mais valia para o capital, continuando um ciclo de relação produtiva. “A formação não é mais reservada à infância, a formação profissional tornou-se ‘formação ao

longo da vida” (DUBAR, 2012, p. 364). O ser humano passa a entender que ele está em constante formação, desde o momento que nasce até quase o fim da vida.

Com as mudanças no mercado de trabalho, também existe uma necessidade de mudança do trabalhador docente, no sentido de estar constantemente buscando maior profissionalização, compreendendo que é necessário e importante para ele buscar um desenvolvimento e um aperfeiçoamento profissional com o passar do tempo. Porém, no século XXI a velocidade está cada vez maior e a necessidade parte não somente da empresa, mas também do trabalhador em se aperfeiçoar e melhorar o seu “produto”.

2.2 Capitalismo flexível e suas consequências no século XXI

Nas subseções anteriores pontuamos sobre a profissionalização e as mudanças de comportamento do trabalhador docente para atuar no século XXI, colocando que é imprescindível ter em mente a circulação e a acumulação do capital, além de querer estar sempre em desenvolvimento produzindo cada vez mais. Nesse sentido, não podemos deixar de levar em consideração que hoje os limites territoriais e de tempo são menores.

Como citado anteriormente o trabalho docente não mais ocorre em um local fixo e previsível. O seu tempo de trabalho não se limita apenas ao espaço da empresa, da escola, das salas de aulas. O trabalho docente está nos vídeos, nas redes sociais e nas plataformas digitais, cada vez mais mediados pelas tecnologias de comunicação a qualquer tempo e lugar. Somos capazes de resolver e produzir questões relativas ao mundo do trabalho, podendo então, diante desse cenário, aprisionar o trabalhador a uma rotina massiva, quase que constante e de tempo integral.

As atribuições e demandas do trabalho docente, a cada dia, estão tornando e tomando o mundo e a vida do trabalhador docente, pois, por mais que ele tente, o trabalho vai estar em sua vida como uma prioridade, como nos lembra Alves (2014) ao afirmar que

“o olhar do inspetor que perscruta a subjetividade do trabalhador vivo é mais envolvente e mais manipulatório, porque penetra no âmago das instâncias da pré-consciência e do inconsciente” (ALVES, 2014, p. 63).

É impossível não vivenciar tudo isso. A cada dia que passa o trabalho se torna parte constitutiva do ser, ao passo do mesmo não conseguir se desvencilhar do trabalho tanto em pensamento quanto em rotinas, fazendo com que ele se torne prioridade em sua vida.

A sociologia do trabalho tem demonstrado complexas facetas da precarização do trabalho. Por meio dos novos sistemas de comunicação, especialmente pelo telefone e pela internet, os trabalhadores ficam à disposição de um patrão qualquer hora do dia ou da noite. O trabalho dito flexível traduz-se em jornadas imprevisíveis, alternando tempos ociosos e trabalhos intensos, pois, habitualmente, as tarefas encomendadas deverão ser executadas em tempo recorde (DAL ROSSO, 2008, p. 10).

Tudo isso faz com que os trabalhadores tenham jornadas duplas, triplas, sem descanso, para conseguirem atingir as metas propostas e cumprirem as demandas. Quando não conseguem atingir o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, acabam tornando-se servos do trabalho, prisioneiros das flexibilizações e precarizações, sendo envolvido por ele. Diante da vertente e do modelo flexível do trabalho, e considerando o que foi apresentado até o momento, os trabalhadores docentes tornaram-se reféns deste cenário flexível. Dal Rosso (2008, p. 69) corrobora com essa visão sobre a dinâmica capitalista, quando afirma que ela “intensifica o trabalho humano com o objetivo de elevar quantitativa e qualitativamente os resultados”. Em outros termos ela faz com que os produtores diretos trabalhem mais, produzam mais e melhor e que, com isso, proporcionem mais lucros. A educação não fugiu a esse modelo do capitalismo do século XXI de proporcionar aos trabalhadores docentes um modelo flexível de horários.

Aliás, podemos dizer que o trabalho docente está se tornando um exemplo desse modelo de trabalho. Primeiro, porque o contrato de trabalho feito na rede privada normalmente é por número de horas a lecionar e não por períodos fixos de vinte, trinta ou quarenta horas; a não ser aqueles que já são contratados para serem quarenta horas. Em segundo lugar, porque essas horas não precisam ser sequenciais, podendo variar por dias da semana, período durante o dia ou noite e por semestre, por exemplo. Nesses termos, o trabalho do docente privado representa o ápice da flexibilidade, fazendo, assim, com que o trabalho tenha que ser o mais produtivo em menos tempo, sem exigências de horários fixos.

Tumolo; Fontana (2008, p. 166-167) dizem que o trabalho está presente em toda e qualquer relação de produção capitalista, não se importando se é uma empresa fabril ou escolar, se a mercadoria produzida é um robô ou um ensino. O importante é que se esteja produzindo, não importa onde, como e quando.

De acordo com as reflexões e ideias apresentadas acima, é possível considerar que a cada dia o capitalismo e suas transformações mudaram as formas de relacionamentos, socializações e trabalhos, possibilitando sempre experiências novas e aprofundamentos no mundo do trabalho, gerando diminuição da presença na vida pessoal e fazendo com que as pessoas, em especial os trabalhadores, pensem cada vez mais no trabalho.

Ao contrário do que se costuma pensar, o homem não possui uma inclinação natural para o trabalho. A atividade profissional, o trabalho, constitui fonte de satisfação especial, de prazer na realização da tarefa se, e somente se, for uma atividade livremente escolhida, se tornar possível o uso de inclinações já existentes, de pulsões persistentes, através do mecanismo psíquico privilegiado da sublimação. Sublimar, isto é, desviar a satisfação pulsional para o trabalho e, em consequência, para os relacionamentos interpessoais oriundos desta atividade, faz com que o sujeito esteja a serviço de um bem maior, a cultura, e preponderantemente, no caso das organizações de trabalho, da cultura de natureza racional substantiva. É possível dizer, portanto, que também existem no sistema capitalista organizações que operam de forma marcante a partir da lógica substantiva; nelas, os profissionais dão um sentido substantivo ao trabalho, sendo este sublimado, fonte especial de prazer (FREUD 1980, p. 174).

Estamos a todo tempo pondo à prova as nossas experiências em sociedade em troca do bem do capitalismo e da sobrevivência neste período. A cultura do capitalismo incorporada na universidade, em especial a universidade privada no Brasil, faz do ato de ensinar instrumento do discurso capitalista, por estar enfatizando um propósito de circulação e acumulação do capital. A universidade é pressionada para transformar o conhecimento e os seus recursos humanos em produtos que devem ser explorados comercialmente o máximo possível. A posição no mercado passa a ser crucial e nos processos mais avançados a própria universidade se transforma em uma marca (SANTOS, 2005, p.65).

Considera-se, também, que seguimos em dúvida sobre como permanecemos no mundo do trabalho. Ora seguimos nossos princípios, valores e desejos pessoais, ora buscamos uma ocupação na qual nos sentimos cada vez mais realizados e identificados, tentando um equilíbrio; ora aceitando as realidades atuais do mercado, e depois nos preocupamos em cobrir a conta que nossa saúde física, social e mental irá nos cobrar com adoecimentos e sofrimentos. O trabalhador docente, segundo Bondia (2002) parte da convicção de que “as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de desejo”. Muito mais do que as palavras, as vivências e experiências funcionam como mecanismos e formas de produção de qualidade de vida.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é,

sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece (BONDIA, 2002, p. 21).

Acredito que o trabalho docente tem a ver com as palavras, com a travessia e o perigo das transformações. Ao dar sentido às vivências e experiências do mundo contemporâneo e das possíveis transformações que ele sofrerá, o trabalho docente é a engrenagem das variações cotidianas, a criação das futuras metamorfoses, a esperança das mudanças, ou seja, um trabalho aberto ao desconhecido, mas ao mesmo tempo realizado com amor. Entretanto, no capitalismo do século XXI, o trabalho pode proporcionar e trazer sofrimento, convertendo-se na maioria das vezes, em sinônimo de atividade extenuante e intensificada (ANTUNES, 2008). Ele vem sendo ilustrado pelas jornadas flexíveis e pela vigilância intermitente, possibilitada pelas tecnologias e pelo próprio trabalhador.

Por isso, o trabalho docente, como principal objeto de estudo desta dissertação, revela como o mercado de trabalho e a condição de seu exercício, juntamente com as novas vivências e experiências, incluindo as demandas sociais a ele relacionadas, têm atingido a saúde do trabalhador docente. A polivalência funcional, o trabalho real e o trabalho prescrito, bem como as transformações que estão ocorrendo no mundo do trabalho devido à nova configuração que o capitalismo tem estruturado nas últimas décadas, no que diz respeito à produtividade e a sua carga de trabalho física e emocional, podem afetar seriamente a saúde do trabalhador docente. Esse modelo tem gerado e produzido uma nova forma de gestão e organização do trabalho, que busca maior identidade do trabalhador com a empresa e a absorção de suas forças físicas e mentais. Porém, também é “caracterizado cada vez mais pela precariedade, pela flexibilização e desregulamentação, de maneira sem precedente para os assalariados” (VASAPOLLO, 2006, p. 45).

Com uma forma e uma trama invisível, e cada vez mais forte para ter o trabalhador fiel e pronto a prestar os seus serviços, na maioria das vezes, esse aprisionamento vem das delimitações entre o individual e o coletivo, visto que os próprios trabalhadores docentes se transformaram em adversários estimulados pela competição que se generalizou como substrato do espírito empreendedor. Ao mesmo tempo, as metas, que também são coletivas, exigem uma vigilância constante que agora é feita pelo próprio trabalhador, que deve apresentar cada vez mais polivalente, multifuncional e preconizado. Todas essas características serão aprofundadas no próximo capítulo.

Esse é o cenário do trabalhador docente no século XXI, cujo qual segundo Dal Rosso (2008), é um cenário de possibilidades emancipatórias de um lado, e de uma realidade social medíocre do outro.

Pode-se ainda falar de descompasso, de paradoxo ou de contradição. O fato é que o capitalismo contemporâneo apresenta dimensões que não atendem às necessidades e demandas de uma sociedade mais exigente, técnica e intelectualmente mais qualificada, mas sim de uma sociedade que não pode continuar sendo refém de um processo predatório, desrespeitoso à natureza e aos princípios de solidariedade, fraternidade e liberdade, que, com o passar do tempo, está gerando e produzindo cada vez mais adoecimentos nos trabalhadores docentes.

3 TRABALHO DOCENTE: ENTRE O PRESCRITO E O REAL

Na Seção 03 falamos sobre como o trabalho, em especial o trabalho docente, se depara com o capitalismo e se modifica no século XXI, bem como sofre influências, transformando-se e transformando o capitalismo no mesmo século. Nesta seção o objetivo é trazer e esclarecer os conceitos do trabalho docente, assim como também os seus tipos, composições e formatos mais presentes nos últimos tempos, para que, posteriormente, na Seção 04, possamos falar sobre o que esse cenário causa na saúde desses trabalhadores.

Aqui apresentamos uma análise sobre a produção acadêmica relativa ao trabalho docente no ensino superior, em especial o ensino privado. A pesquisa foi feita pela internet e foram consultadas a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), as bibliotecas virtuais de algumas universidades depositárias, tais como Universidade de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outras bases de dados como Scielo, Google Acadêmico, Academia.edu e Scrib. Além dessas fontes, também foram consultados livros de autores clássicos e atuais sobre os temas. O objetivo foi identificar na literatura, seja na forma de artigos, livros, teses e/ou dissertações, as principais tendências e abordagens de análise sobre o objeto de estudo presente nas pesquisas. Como recorte temporal da pesquisa, definiu-se o período dos últimos nove anos, que traduz de forma mais contundente a fase do capitalismo do século XXI, como discutido nas Seções 02.

O objetivo do levantamento foi identificar e analisar a produção científica relacionada ao tema “Trabalho docente” no ensino superior privado no Brasil, mais especificamente no contexto ocorrido ao longo do movimento de mercantilização da educação, no período do século XXI.

O processo de busca ocorreu em duas etapas. A primeira deu ênfase em um processo de definição dos objetivos e hipóteses para a investigação, além de um maior entendimento das particularidades da pesquisa. A segunda etapa começou a ser feita por ocasião da elaboração do relatório de qualificação, para um maior e melhor delineamento e fundamentação da pesquisa. De acordo com Luna (2000) a seleção dos artigos que compõem a revisão não é aleatória; neste sentido, dá-se a partir da contribuição de pesquisas consideradas relevantes em função da problemática estabelecida. O levantamento bibliográfico foi uma atividade essencial no processo de pesquisa, sendo a partir dele que se adquiriu familiaridade com determinada área e/ou temática de investigação. Para o levantamento bibliográfico junto aos já referidos banco de dados foi utilizado o descritor “trabalho docente”. Esse descritor foi associado ainda

a outros que nos pareceram importantes para a seleção da amostra, tais como “ensino superior privado”, “mercantilização do ensino”, “capitalismo” e “precarização”.

Dos 50 trabalhos localizados e recuperados, foram desconsiderados aqueles que se referiam ao trabalho docente na educação básica, bem como aqueles que tratavam de questões como formação ou aqueles que se referiam à atuação de tutores na Educação à Distância (EaD). Também foram excluídas as pesquisas sobre o trabalho docente no ensino superior público, já que este setor tem configurações e formas de contratação bastante distintas em relação ao setor privado.

3.1 O caminhar do trabalho docente até o século XXI

Nesta subseção, apresentaremos o trabalho e sua importância na sociedade e na constituição do ser humano como indivíduo que guarda suas particularidades e vivências em sociedade, demonstrando o quanto o trabalho é parte do ser humano e essencial em sua constituição.

De acordo com o “Dicionário de trabalho e tecnologia” (2012), quando pesquisado sobre trabalho Cattani; Holzmannnos esclarece que:

o trabalho pode ser definido como o exercício de uma atividade vital, capaz de plasmar a própria produção e a reprodução da humanidade, uma vez que é o ato responsável pela criação dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade (CATTANI; HOLZMANN, 2012, p. 15275).

O trabalho está cada vez mais intrínseco à vida e às relações da sociedade, modificando padrões de vida, possibilitando transformações e reformulações de gerações e famílias. Entretanto, ao longo da história, o trabalho teve modificações quanto ao seu ponto de associação da comunidade e da sociedade, passando a ser visto de formas distintas para cada ser humano. Para alguns, liberdade, autonomia e vida; para outros, sofrimento, subordinação e alienação. Entretanto, uma condição não exclui a outra: o trabalho pode ao mesmo tempo gerar prazer e sofrimento.

Seja como criação ou servidão, como positividade ou negatividade, o pêndulo do trabalho vem conformando um longo e decisivo percurso na história da humanidade (CATTANI; HOLZMANN, 2012, p. 15275).

Que o trabalho possibilita a escrita de uma nova história de vida para o sujeito, isso é inegável, mas em tempos de trabalho flexível e precário, é possível dizer que ele se torna igualmente um pêndulo em constante movimentação e transformação. Ao mesmo tempo em que pode trazer oportunidade de mudança de vida, pode também trazer sofrimento e transtorno. Não existiria um ser humano saudável se não existisse trabalho, mas o trabalho, como é visto e praticado hoje, pode também trazer complicações e sofrimentos.

Marx demonstra a unilateralidade do trabalho: se ele é, por um lado, uma necessidade imprescindível para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza, por outro, sob o império e o fetiche da mercadoria, ele metamorfoseou-se, assumindo a forma de uma atividade imposta, extrínseca e exterior, forçada e compulsória (CATTANI; HOLZMANN, 2012, p.15309).

Contudo, como nos foi apresentado, segundo Lukács (1981) o trabalho é, antes de tudo, um ato consciente pressupondo um conhecimento concreto, ainda que jamais perfeito, de determinados meios e finalidades para sua realização.

Segundo Marx o trabalho é uma condição de existência do homem presente em todas as formas de sociedade e, por isso, uma necessidade natural de mediação do metabolismo entre vida humana e natureza (MARX, 2011). Se por um lado o trabalho já foi considerado artifício de humanização, por outro, com o capitalismo, transformou-se em mercadoria. O que era uma finalidade social de possibilidades vitais e de sobrevivência acabou se transformando em valor de troca,

[...] tornando evidente que o envolver e desenrolar da vida humana em nenhuma medida pode se resumir exclusivamente ao trabalho; se assim fosse, ela seria, na melhor das hipóteses, a condensação e a efetivação de um aprisionamento social em uma única dimensão absolutamente restritiva, tolhendo as múltiplas dimensões que conformam a omnilateralidade humana (CATTANI; HOLZMANN, 2012, p. 15335).

O trabalho que deveria ser fonte de prazer, humanização e relações, converte-se em uma condição de desrealização tanto pessoal quanto social do indivíduo trabalhador, gerando frequentemente um estranhamento do seu público, a partir do momento em que ele se torna um sentimento mutante e transformador momentâneo. No capitalismo, esse trabalhador docente não se satisfaz mais no trabalho, pois o percebe como algo que gera sofrimento, deixando de ser espaço de socialização, tornando-se cada vez mais experiência de alienação, degradação e, inclusive, desumanização, ao retirar desse indivíduo sua liberdade, esperança e até mesmo

saúde, ganhando um caráter multifacetado e polivalente em que mulheres e homens vendem sua força de trabalho em troca de salário (ANTUNES, 2018).

Essa é a visão e o modelo de trabalho que temos no mundo atualmente. Onde os indivíduos na contemporaneidade são assíduos e apaixonados pelo trabalho que proporciona uma estrutura, dignifica e cria oportunidades de crescimento, mas também ao mesmo tempo aliena, causa sofrimento e desprazer, quando na maior parte do tempo retirar os trabalhadores do convívio com a sociedade.

As decorrências negativas que hoje o trabalho carrega são frutos de uma instabilidade e adaptações de gerações e culturas, talvez sendo descrita como falta de uma maturidade juntamente com uma nova forma de ver a vida. Trata-se de seres humanos cada vez mais narcísicos e em busca de aperfeiçoamento, brilhos e prêmios, esquecendo-se, na maioria das vezes, de suas origens e essências que é a vida em sociedade. A cada dia que se passa desejam ser premiados, reconhecidos, o centro das atenções e do conhecimento. E quando isso ocorre, acabam esquecendo que tanto o trabalho quanto a condição de seres humanos sugerem compartilhamentos e vida em sociedade.

3.2 Trabalho docente: seus significados, modelos e transformações

Nesta subseção apresentaremos o trabalho docente e suas variações analisadas do ponto de partida da influência do capitalismo no século XXI e decorrentes das transformações que ele exerce sobre essa profissão.

O trabalho docente não se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino formal, pois compreende a atenção e o cuidado, além de outras atividades inerentes à educação. De forma genérica, é possível definir o trabalho docente como todo ato de realização no processo educativo. Partindo da definição de que o trabalho se constitui em ato de transformação da natureza pelo homem para sua própria sobrevivência, o que resulta também e, ao mesmo tempo, na transformação do homem pelo trabalho, é possível considerar que ele é detentor de um caráter educativo (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Não podemos desconsiderar as demais funções do trabalho docente que vão além da sala de aula e das questões pedagógicas. Existe uma expressão, que na maioria das vezes é pejorativa, e muito dita por pessoas que não conhecem o verdadeiro trabalho docente, que é repetida constantemente pela população: ‘você só dá aula?’. Essa expressão dita até nos dias atuais representa o desconhecimento da população em geral sobre o verdadeiro trabalho docente. Muitos acreditam que os professores apenas chegam no horário da aula, falam e falam

aquilo que lhes vem à mente, não existindo uma preparação anterior, uma pesquisa, um estudo para chegar àquele momento, anunciar e ensinar o que é preciso.

Outro fator que é esquecido por muitos é o fato das escolas não possuírem efetivos da área social e, ainda em algumas, não existirem apoio psicológico para alunos e comunidade auxiliando nas questões sociais que rodeiam e cerceiam essa população, influenciando no desempenho e nos resultados de cada um. Com isso, e justamente pelo fato do docente ser o elo mais próximo dos alunos, ele muitas vezes acaba fazendo esse papel. O trabalhador docente precisa fazer e executar essas atividades posto que o trabalho é detentor de um caráter educativo e transformador.

Educação e trabalho são elementos fundamentais da condição humana, indispensáveis à socialização e determinantes de nossas experiências. As análises sobre o trabalho docente buscam captar os sujeitos e suas relações a partir da sua experiência, do seu fazer cotidiano, da intimidade do processo de trabalho (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Nas instituições de ensino superior e nas escolas de uma forma geral, as relações entre os pares, são muito importantes visto que, uma vez que elas existem, sua tendência é que durem por períodos longos ou pelo menos durante o tempo em que o aluno permaneça na instituição. Com isso, é importante a necessidade de que esse vínculo seja cada vez mais forte e acima de tudo ético e autêntico. O tempo de permanência do indivíduo na instituição de ensino faz-se relevante por auxiliar na formação do caráter social e profissional dos indivíduos, configurando-se como num ambiente de troca de vivências, de afirmação e de planejamento docente.

Se considerarmos que o termo docência, originado do latim, significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender, podemos afirmar que o trabalho docente é o que se realiza com a intenção de educar. Assim, o que define o trabalho docente não são a formação específica e o estatuto profissional ou o certificado que foi conferido ao sujeito, mas seu labor, sua experiência no processo educativo no lugar de quem educa ou contribui para. O trabalho docente não é aquele que se refere apenas à sala de aula ou ao processo de ensino, ainda que compreendamos que o cuidado e a atenção são constituintes do ato educativo. Isso quer dizer que a ampliação sofrida pelo rol de atividades dos professores na atualidade tem obrigado a se redefinirem suas atribuições e o caráter de sua atuação no processo educativo (OLIVEIRA, 2010, p.1).

O docente passa mais tempo no trabalho devido às diversas atribuições e deveres já que seu trabalho vai além da sala de aula, perpassando pelo cuidado e pela atenção constante à sociedade e aos alunos, podendo prejudicar sua saúde e sua vida social. Nesse sentido, tais

condutas podem gerar um acúmulo das funções, um esgotamento físico e emocional, proporcionando até mesmo um estresse ao trabalhador docente.

[...] o trabalho docente é ligado a uma instituição de ensino na qual produz e dissemina conhecimento numa determinada condição de trabalho. A autora define que o trabalho docente compreende, portanto, as atividades e relações presentes nas instituições educativas, extrapolando a regência de classe (OLIVEIRA, 2010, p. 1).

Os padrões, as visões e os modelos mudam com o passar das gerações, mas também podem ser alterados por crises. Como foi dito, a crise é um dos fatores primordiais para as mudanças de pensamentos, posturas e modelos. Pode-se observar é que o quadro geral sobre o trabalho docente se transforma a todo o instante. E com a educação não seria diferente.

A crise acarreta modificações na organização do trabalho, tornando necessário um novo tipo de trabalhador. Sua regência demanda ajustes estruturais em vários planos, o econômico, o político, o social, o cultural, o que ocasiona graves consequências, das quais destacamos a crise do trabalho abstrato, cujas manifestações são o desemprego estrutural e a precarização do trabalho (SAGRILLO, 2009, p.12).

As evoluções que ocorrem a todo momento no mundo fazem com que as empresas e os locais de trabalho também se transformem, que busquem atualizações e novas formas mais rápidas, práticas e em muitas das vezes com menor esforço para serem realizadas. Entretanto, nem toda a população que se encontra no mercado de trabalho consegue seguir o ritmo cada vez mais acelerado das mudanças, nem toda população trabalhadora e em especial nem todo trabalhador docente teve algum tipo de educação focada, ou específica para tecnologia e seus avanços. E com essas mudanças cada vez mais constantes e reais ocorrendo no cenário do trabalho docente e as crescentes pesquisas sobre o tema, Pereira (2015, p. 102) argumenta que

[...] as primeiras investigações sobre o trabalho docente surgiram na década de 1970 e buscavam compreender a docência em sua inter-relação com outras profissões, tendo como temáticas centrais a organização do trabalho docente (PEREIRA, 2015, p.102).

Em seu sentido lato, o trabalho docente envolve a relação entre saberes e condutas, relação esta que está na base da ação educativa, haja visto que a socialização e/ou produção de saberes implica a formação de determinadas condutas humanas.

O trabalho docente é assim analisado como um trabalho no qual estão implicadas a ação, a cognição e a emoção, fazendo com que as situações e as interações locais dependam de seus agentes (docentes e discentes), mesmo que os conhecimentos e condutas sejam especificados pelos contextos (VIEIRA; FONSECA, 2010, p. 5).

A analogia docente é agenciada por essas múltiplas representações, as quais, de modo relevante, devem sempre ser observadas, seja pela socialização, seja pelas produções implicadas em cada ação e planejamento, devendo ser testadas nas interações entre os atores do conhecimento. Contudo, esses atores são indivíduos que vivem em sociedade, têm desejos, obrigações, vivências expectativas e até mesmo rotinas que podem influenciar suas potencialidades e seus resultados. Como pesquisadora, vejo que a emoção é um dos elos mais importantes para haver grandes vivências e produtividade a fim de estimular a cognição, pois quanto maior o elo de boas relações, mais feliz e seguro o indivíduo se apresenta, desempenhando melhor suas funções. Mas só é possível ter emoções que facilitam esses resultados a partir do momento em que se tem segurança de onde se está e no que se trabalha, e até mesmo a partir de uma continuidade desse trabalho. Entretanto, não é apenas a emoção que pode facilitar o processo de relação e aprendizagem, gerando mais possibilidades, pois os recursos econômicos e tecnológicos também podem ajudar e facilitar a interação e o aprendizado.

Como já citado nas Seções 01 e 02, hoje se vive uma era em que a competição e a necessidade de demonstrar mais resultados estão cada vez mais intensas e presentes na sociedade. Os trabalhadores docentes precisam trabalhar cada vez mais em busca de uma produtividade que, na maioria das vezes, chega a ser exacerbada. Juntando tudo isso ao narcisismo, estamos vendo resultados cada vez mais claros de falta de interação entre esses profissionais. Mesmo que suas especificidades sejam respeitadas, hoje cada um prefere ficar em sua mesa e desenvolver o seu trabalho, diminuindo as relações pessoais dentro do mesmo ambiente e até mesmo as trocas de conteúdos e de experiências, o que acaba se tornando um desperdício para a sociedade, visto que não possibilita mais conhecimento e resultados.

Assim, a natureza do trabalho docente pode ser pensada como um jogo entre o que já se encontra prescrito e a ação humana de modificação e adaptação do já existente. Os processos de objetivação e subjetivação formam um conjunto de regras pré-existentes, que no geral, não dão conta das decisões que devem ser tomadas na ação educativa, como, por exemplo, a forma de condução específica para grupos de alunos, o modelo das aprendizagens. Por ser um saber

que está em constante transformação e mudança, esses fatores também precisam estar sempre mudando, o que causa inclusive uma necessidade de constante formação e atualização.

A profissão docente é assim entendida como uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente e inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte suas histórias de vida, suas condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão certamente marcado pela gênese e desenvolvimento histórico da função docente, e os discursos que circulam no mundo social e cultural acerca dos docentes e da escola (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 54).

Todo processo e todas as vivências educacionais estão diretamente ligados às experiências e fantasias, ou seja, os desejos, tanto dos docentes quanto dos alunos. Esse percurso marca e conta a história de vida de cada um através de experiências construídas por meio de um passado cheio de histórias. Existe um imaginário sobre o professor, ou ao menos existia antes do advento do Google, e esse imaginário passava a imagem e a sensação de conhecimento, de cultura e até mesmo uma imagem de tranquilidade de pessoas que tinham a vida estabilizada. Existia uma supervalorização no sentido positivo do termo, referente a esse profissional. Tudo isso acontecia no século passado.

Hoje encontramos cada vez mais uma imagem e um cenário opostos ao dos séculos anteriores. Mesmo com as tecnologias e com o advento da internet, o profissional viu suas funções serem transformadas e acrescidas com o passar do tempo, o que faz dele profissional cada vez mais cansado, doente e desmotivado. Considerando que em 2014 a OIT apontou que o trabalhador docente era a segunda categoria com mais afastamento por doenças ocupacionais, demonstrando a sensação de que esse profissional está cada vez mais distante do idealizado do início de carreira, ficando mais preocupado com a quantidade de horas-aulas possíveis para se trabalhar, a fim de conseguir honrar os compromissos pessoais e familiares.

Fernández Enguita (1991) reforça o cenário apresentado acima, quando no seu texto e em seus escritos, apresenta que o debate sobre a natureza do trabalho docente está compreendido na distinção entre profissionais e proletários, sugerindo que a natureza e a conceituação do trabalho docente sejam perpassadas por modelos e visões capitalistas em que um consegue se desenvolver com uma qualidade melhor, chegando a ter mais oportunidades, e outro não consegue firmar-se no cenário do trabalho docente do século XXI. Isso demonstra que hoje existem vários perfis de profissionais docentes e que todos são importantes e

necessários para a construção dos processos educativos do país, até mesmo para a propagação e a expansão das universidades privadas.

Pode-se com isso, então, ter uma visão sobre a profissão docente e os caminhos que nela são percorridos, trazendo estabilidade a seu trabalhador e demonstrando cada vez mais o cenário em que é exposto esse profissional.

Muitas vezes, não basta apenas ser contra todo o processo, é preciso entrar e entender a fundo o porquê de seu funcionamento, uma vez que a aprendizagem acompanha o ciclo vital das pessoas e, portanto, é tanto produto quanto processo da professoralidade daqueles que ensinam, devendo-se, assim,

[...] entender que a analogia profissional docente traz diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos. Refere-se ainda ao conjunto das representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir dos professores e professoras no exercício de suas funções em instituições educacionais (GARCIA; HYPOLITO; VIEIRA, 2005, p. 54).

A partir do momento em que se aceita e se deseja ser um trabalhador docente, é preciso ter consciência das suas escolhas e responsabilidades, desejando e querendo desenvolver-se ao máximo, uma vez que a profissão e os conhecimentos vão se dobrando e se desdobrando com o passar dos dias, evoluindo com o passar dos anos e se transformando com o passar dos séculos. Muitas dessas representações que são feitas da imagem do docente passam pela forma como eles mesmos se veem e se colocam no cenário atual.

O liberalismo ajuda a alterar a imagem da natureza e as funções do trabalho docente, produzindo formas de racionalização e de burocratização, fazendo com que cada vez mais

[...] o trabalho docente ganhe assim um contorno mais técnico e operacional, seus conteúdos, formas e materiais instrucionais tornam-se cada vez mais determinados pelo Estado capitalista e pelo mercado. Conseqüentemente, os diferentes tipos de inter-relacionamentos entre os professores ou entre professores e alunos assumem uma forma específica de submissão dos elementos humanos aos elementos tecnológicos materiais (VIEIRA; FONSECA, 2010, p. 2).

Esses novos contornos que, a cada dia que passa são apresentados aos trabalhadores docentes, em sua maioria decorrentes das transformações e evoluções, vêm possibilitando a criação de cenários de trabalho e produções novas que anteriormente não foram experimentados. A partir do momento em que os elementos humanos são cada vez mais substituídos pelos elementos tecnológicos, decorrentes da entrada do capitalismo na educação

e de uma evolução da sociedade, os trabalhadores docentes podem sentir-se excluídos ou até mesmo ameaçados por não conhecer as funções e os lugares que irão ocupar. Essas novas tecnologias, de formas de gerenciamento e de produção promovem o aumento da produtividade e eliminam na maioria das vezes a dispersão e a procrastinação. Sendo assim, como apontam Araújo; Sachuk (2007), esse cenário

[...] permite, quase inconscientemente, a aceitação dessa “coisificação” para sobreviver às exigências da empregabilidade, e somente desperta e compreende seu desgaste físico e emocional quando percebe que seu corpo e sua alma exibem limitações nesse processo. Tornando o trabalho parcelado, mecanizado, e o trabalhador descaracteriza-se enquanto sujeito, pois não se reconhece mais no seu fazer; o seu saber é expropriado pela organização e pelo capital e, a partir de então, acentua-se a dicotomia entre o saber e o fazer (ARAÚJO; SACHUK, 2007, p. 54).

O trabalhador docente, que atual hoje no mercado educacional, em grande parte precisa se prestar a estar disponível em tempo integral a instituição que trabalha, mesmo seu contrato sendo apenas de horista, em alguns casos precisa estar disponível a tempo e à hora para a instituição. Pode ser que está situação seja apenas uma cobrança interna e inconsciente do trabalhador, mas em outros casos pode ser cobranças institucionais sobre resultados e cumprimento de tarefas. Porque uma vez que você não realiza o que eles pedem, e no tempo em que eles pedem, existe uma fila de novos profissionais querendo ocupar seu lugar e disposto a princípio a realizar o que você neste momento acredita ser inapropriado. Ou seja, ou você entra na lógica do mercado e aceita se transformar em mais um trabalhador e em um objeto que pode gerar lucro para instituição independente do que isso pode te causar, ou você pode pensar em procurar, não apenas um novo emprego, mas uma nova profissão, por que esse é hoje o mercado de trabalho docente.

Tardif; Raymond (2000) nos lembram que

[...] os saberes não são imóveis e estáticos, nem foram produzidos no mesmo tempo, território e circunstância. Eles se imbricam em novas sínteses, na medida em que se constroem. Estão sempre submetidos a novas interferências políticas, pessoais e profissionais (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 1).

Essas particularidades apresentadas como a mecanização do trabalho, evolução da tecnologia, bem como as constantes mudanças de conhecimentos e dos espaços onde se produz e vende o conhecimento, faz com que o trabalhador docente, em grande parte do tempo, necessite buscar alternativas para essas constantes mudanças e evoluções. O professor passa a

se tornar um trabalhador de contratos parciais, fazendo com que o mesmo busque mais de um local de trabalho, tendo muitas vezes suas perspectivas e desenvolvimentos profissionais reduzidos às questões mercadológicas, o que faz com que ele seja melhor aproveitado para os fins do seu contrato.

Inúmeras vezes essas transformações fazem com que questões essenciais e até mesmo básicas do trabalho docente fiquem de lado. Um exemplo é o fato desse trabalho se configurar como uma atividade social essencial às sociedades modernas, enfatizando uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu “objeto” de trabalho, que é justamente outro indivíduo, no modo fundamental da interação humana. Como se não bastasse, essas alterações no mundo do trabalho envolveram a objetividade e a subjetividade do trabalhador que apresenta-se adoecido devido as novas formas de organização e cobranças do trabalho (TARDIF; LESSARD, 2012).

Dessa forma, de acordo com Bezerra (2013), o trabalho docente está em um espaço de interação, formação e socialização humana, não como produtor de mercadorias vendáveis, mas como processo produtor de conhecimentos socialmente reconhecidos. Portanto, segundo essa concepção, o trabalho docente é considerado decente, ético e importante na sociedade (MURAD et al., 2017, p. 131).

Uma das questões que não devem sofrer modificações é essa característica de transição, formação e interação social do trabalho docente. Apesar da maçante entrada da tecnologia e dos meios tecnológicos na educação, acredito que não existe forma melhor e mais eficaz de ensino que não perpassa a interação, a emoção pessoal do aluno e, por fim, o ser humano. Com isso não vai existir, ou não deveria existir, ameaça ao trabalhador docente como profissional. A diminuição de jornada de trabalho e das próprias funções desenvolvidas pelo trabalhador sempre existiu, mas a extinção desse profissional está longe ainda de se concretizar. O que começa a me preocupar é a inserção de trabalhadores apenas preocupados com seus “vencimentos” e esquecendo-se da importância social do trabalho docente, além da ética na formação e na convivência social.

[...] O trabalho docente é parte da totalidade constituída pelo trabalho no capitalismo, estando submetido, portanto, à sua lógica e às suas contradições. A sociedade capitalista é recortada por múltiplas dinâmicas específicas da organização produtiva, do político e social, do conhecimento, da tecnologia, do gênero etc. Nessa perspectiva se constroem as dinâmicas sociais que são as formas de organização social, as estruturas particulares de processos mais gerais. Muitas dessas dinâmicas se entrecruzaram no espaço escolar (DUARTE, 2011, p. 163-164).

Por mais que se esteja inserido no modelo capitalista, não se pode perder a característica formadora e de inserção social que o trabalho docente possui, mesmo que o ensino superior apresente e continue apresentando uma configuração competitiva, com um forte incentivo comercial, afetando o trabalho docente e seu trabalhador.

A prática docente é composta tanto por ações associadas à construção do conhecimento (seleção e organização do conteúdo), quanto pelas ações relativas à gestão da sala de aula [...]. É de responsabilidade do docente, organizar e planejar os conteúdos vigentes, nos anos e períodos letivos, ficando responsáveis também pela atualização do que será cobrado como conteúdo, inclusive na concepção do que é ensinar e aprender (TARDIF; LESSARD, 2012, p. 105).

A prática docente concentra-se na construção individual e coletiva dos conhecimentos, sendo influenciada pela forma como se estabelecem as relações perpassadas entre docentes, discentes e conjunto administrativo, além das relações de cunho mais próximas, pessoais e diretivas, como deve ser a do trabalhador docente e do aluno.

O capitalismo tenta cada vez mais implantar seu pensamento e seus modelos de funcionamento na educação, e uma dessas formas são:

[...] os novos modelos de gestão que elevam a cobrança dos professores que, tendo reduzida sua autonomia, veem-se diante da exigência de serem polivalentes, versáteis e flexíveis. Há para o autor uma nova ética: na onda dessa administração por cobranças, que emprega o controle e a repressão como instrumentos corriqueiros de educar os professores, são constantes as referências a uma determinada ética da responsabilidade que deveria transparecer em comportamentos tais como pontualidade e cumprimento dos deveres (DAL ROSSO, 2008, p. 178).

Diante das mudanças e das evoluções trazidas pelo modelo de gestão capitalista, é possível encontrar novas formas e exigências presentes nas atribuições e comportamentos dos trabalhadores docentes. Versatilidade e flexibilidade tornaram-se sinônimos para esses trabalhadores, até que se criou e denominou o conceito que hoje chamamos de trabalhador polivalente.

O trabalho polivalente faz com que o trabalhador se desdobre em várias funções, tornando praticamente impossível usufruir dos pequenos intervalos de descanso, previsto por lei. Assim, diante desta nova configuração, o trabalho se intensifica, exigindo num mesmo intervalo de tempo maior desempenho do trabalhador, mais consumo de energia pessoal, física, emocional e cognitiva (DAL ROSSO, 2008, p. 14).

A reorganização do capitalismo contemporâneo está cada vez mais atrelada à maior produtividade e aos maiores resultados, resultando no aumento da intensificação dos trabalhos, que paralelamente podemos chamar de polivalência. Exemplo disso é que, em outros tempos, existiam maior apoio dos funcionários administrativos, com pessoal especializado em administração, aos quais providenciavam questões do cotidiano, tanto da instituição quanto do trabalhador como, por exemplo, agendar salas, separar materiais como pincéis (hoje *data-show*), ou eventualmente fazer lançamento de notas e de recursos de ausências decorrentes da perda de saúde. Mas hoje todas essas atribuições se encontram já como função docente, o que o torna cada vez mais polivalente, pois ele se desdobra em várias funções para cumprir as metas e produtividades esperadas, diminuindo cada vez mais o descanso e intensificando o trabalho, o que pode levar até mesmo à sua descaracterização.

Por meio de todas as realocações e, para alguns, até mesmo das novas atribuições, como mencionado, pode-se chegar à descaracterização da função e do papel do trabalhador docente. Entretanto, algumas funções por mais que sejam desconhecidas, continuam no repertório dos trabalhadores. Gasparini; Barreto; Assunção (2005) enfatizam que o papel do professor ultrapassou a mediação do processo de conhecimento do aluno, sendo necessário ampliá-la para além da sala de aula, garantindo uma relação intrínseca entre local de trabalho e alunos.

[...] o conjunto de ações educativas que organizam o ensino dentro e fora da instituição sofre influência em relação aos papéis do professor no âmbito pessoal, profissional e administrativo, haja vista que o mesmo é considerado como peça essencial no desenvolvimento da docência universitária que pressupõe o envolvimento de pesquisa e extensão (MURAD et al., 2017, p 132-133).

Os trabalhadores docentes não deveriam, de forma alguma, esquecer que as ações humanas geram interação e mudanças e que tudo que parte de uma interação irá sofrer influência dessas ações, inclusive no processo de ensino e suas produtividades. E diante desse panorama não podemos deixar de

[...] compreender a natureza do trabalho docente e seu processo de trabalho apenas por análise profunda de técnicas e procedimentos pedagógicos, do conhecimento como fonte do trabalho e da relação professor-aluno. Por isso, tomamos como ponto de partida o processo de transformação em curso na sociedade contemporânea, a fim de perceber como as escolas vêm se estruturando a partir de uma lógica não idêntica, mas de aproximações sucessivas da lógica organizativa do capital (MIRANDA, 2006, p. 41).

A natureza do trabalho docente passa em essência pela natureza das relações humanas; se elas não se consolidam, não geram vínculos e empatias, e com isso todo o processo de ensino, pesquisa e aprendizagem está em alguma instância fadado ao fracasso.

Ao mesmo tempo em que a atividade de trabalho comporta uma significação narcísica, ela pode suportar investimentos simbólicos e materiais destinados a outro, isto é, ao objeto. A tarefa pode também veicular uma mensagem simbólica para alguém, ou contra alguém. A atividade do trabalho, pelos gestos que ela implica, pelos instrumentos que ela movimenta, pelo material tratado, pela atmosfera na qual ela opera, veicula certo número de símbolos. A natureza e o encadeamento destes símbolos dependem, ao mesmo tempo, da vida interior do sujeito, isto é, do que ele põe, do que ele introduz de sentido simbólico no que o rodeia e no que ele faz (MURAD et al., 2017, p. 130).

O desejo do trabalhador docente não pode ser maior do que o desejo do aluno. Aqueles que por excelência exercem orientações sobre alunos e esperam por significância, importância, ou trabalham por meio da autoridade, colocam todo o seu narcisismo à frente do valor do conteúdo e do contexto da aprendizagem, arriscando todo o processo e, conseqüentemente, toda a importância da natureza docente e da aprendizagem, haja visto que as interações sociais, a vinculação e a afetividade fazem parte do ensino e, por conjunto, do trabalho docente. Esse pensamento é sustentado por Roldão (2007), que ressalta que “o conhecimento profissional é o ‘elo mais fraco’ da profissão docente e das relações”.

O significado do trabalho pode ser fundamentado em diferentes pilares pois é inspirado em uma visão particularizada, que se origina da experiência e da percepção social construída por cada sujeito, as quais terão como base a vivência cotidiana e os conhecimentos sobre o mundo que cerca tais indivíduos (MURAD *et al.*, 2017, p. 130). E tudo isso ocorre, porque

[...] o ensino superior perdeu sua característica secular de instituição social, tornando-se uma entidade administrativa, na qual a eficácia é medida por meio de indicadores estabelecidos anteriormente, principalmente aqueles orientados para a avaliação da gestão dos recursos e das estratégias desenvolvidas para aprimorar o desempenho institucional, o que atinge todos os profissionais envolvidos (MURAD et al., 2017, p. 133).

Miranda (2006, p. 46) observou que as categorias de trabalho produtivo e improdutivo não estão apenas relacionadas à natureza de um trabalho específico, mas também às relações sociais que se estabelecem a partir desse trabalho. O trabalho docente caminha em direção à inclusão ao capital, podendo transformá-lo.

[...] o trabalho docente, por sua natureza e especificidade de forma limitada. Através do processo de objetivação, controle e parcelarização, podemos

considerar a subsunção formal do trabalho docente ao capital, no sentido específico em que esse conceito e alterações produzem em uma categoria proveitosa de análise (MIRANDA, 2006, p. 46).

Entretanto, o trabalhador docente precisa tornar-se um assalariado, vender sua força de trabalho no mercado educacional, seja para interesses públicos, seja para interesses privados, já que seu conhecimento, na verdade, é uma ferramenta e um material de trabalho. Contudo, essas situações promovidas pelos atuais modelos educacionais são evidenciadas pelo capitalismo do século XXI.

Nesse sentido, acaba-se forçando os trabalhadores a fazer uma escolha entre aquilo em que a princípio eles acreditam e entendem como funções ou entre as ações e tarefas docentes que esses novos modelos exigem. Tudo isso é capaz de proporcionar a esse trabalhador certas vivências que, como pesquisadora chamo de sofrimento ético, correspondente à traição dos ideais e valores apreendidos como nobres e aprovados socialmente. Naturalmente a escola não se configura com uma instituição capitalista, a não ser pelo modo de produção social da existência capitalista dominante que tende a mediar os interesses do capital.

O trabalho docente encontra-se na fase transitória entre a subsunção formal e a subsunção real dos processos de trabalho, em que a primeira etapa já foi superada e a segunda ainda não se completou. Essa é a tendência, um processo crescente de alienação (ou perda de autonomia) do trabalho docente, de transformações essenciais em sua forma. O trabalho docente tende a uma subsunção real ao capital (MIRANDA, 2006, p. 46).

Diante de todo esse cenário questiono-me: O capitalismo, com todas as suas normas, novidades e modelos, é quem de fato retirou aquilo que tem parte fundamental no processo do trabalho docente e faz parte de todo um elo e conjunto? Reflito se não seria mesmo o capitalismo quem enfraqueceu a relação entre o trabalhador docente e seu processo de ensino e aprendizagem. Em conformidade com esse pensamento, Miranda salienta que essas consequências também passam por questões sociopolíticas: ‘qualquer sujeito pode exercer a docência, como se essa profissão já tivesse sido transformada em um trabalho geral?’ (MIRANDA, 2006, p. 46).

A sociedade e a comunidade, de forma geral, precisam apreender que não se trata de vocação, e não é qualquer indivíduo que se encontra preparado para ser e se tornar um trabalhador docente. Além de facilitador, mediador de questões pedagógicas em contextos culturais e sociais como os de hoje, precisa-se estar preparado para lidar com as demandas existenciais de cada ator desse processo, seja aluno, seja docente ou até mesmo gestor. O

trabalhador docente faz parte de todo esse contexto, ora com suas mudanças e transformações configurando-se como uma parte importante de todo o contexto, ora como pequena parte sobre os contextos, mas que de forma centralizada se liga e interliga com as demais, fazendo uma ponte entre o trabalho e o resultado de excelência, sabendo que essa última na maioria das vezes passa despercebida.

3.3 Entre o trabalho prescrito e o trabalho real

Aqui o desafio é entender como o trabalho docente se transformou e se desdobrou até esse ponto do percurso. Pode-se compreender que, a cada dia o mundo e os cenários do trabalho sofrem transformações, principalmente o trabalhador docente. O discurso e o sentimento de obrigação do trabalho podem chegar a gerar a precarização do trabalho por meio da imposição de responsabilidades e atribuições que não correspondem à sua função, resultando em estados de adoecimento e estresse.

3.3.1 Prescrição: necessidade, causa e consequências

Hoje nos encontramos em um cenário em que as transformações estão se fazendo presentes tanto nos indivíduos quanto na própria sociedade, com uma intensificação dos sentimentos. Com isso, identificamos uma necessidade maior de produtividade e de resultados que podem transparecer de modo precário e subjetivo.

[...] precarização que se refere ao surgimento de novas formas de trabalho a partir de um processo de mudanças estruturais no capitalismo, que procura garantir competitividade às empresas por meio da flexibilização das relações de trabalho. A precarização deriva da precariedade das relações de trabalho, já que no contexto neoliberal as responsabilidades antes dadas aos empregadores passaram a ser transferidas aos trabalhadores. Neste contexto tornaram-se comuns as ocupações temporárias, a ampliação da força de trabalho e a insegurança em face da manutenção do emprego que convivem com a redução da resistência coletiva, uma vez que o papel dos sindicatos se fragiliza (SAGRILLO, 2009, p. 45).

Os locais de trabalho necessitam de estruturações de recursos para promover o trabalho, principalmente o local de trabalho do docente. Os gestores vivem na pressão do raciocínio da educação como um negócio, fazendo com que os trabalhadores docentes encarem uma série de novas demandas que diferem entre a autonomia necessária ao trabalho e a obrigatoriedade de aderir a esse novo cenário a fim de manter ou emprego.

O trabalho docente no ensino superior será intensificado em função da reestruturação capitalista. Novas demandas são impostas e assumidas por tais sujeitos que, com o auxílio da internet e outras tecnologias, assumem atividades (como o preenchimento de relatórios, lançamento de notas e frequência on-line) não computadas na sua carga horária de trabalho. Funções, que historicamente eram executadas por trabalhadores técnico-administrativos, são absorvidas pelos docentes, sem, no entanto, serem essas novas funções remuneradas (ALVES, 2014, p. 7).

São funções na sua maioria das vezes quase que mecânicas e sem muito esforço intelectual, entretanto com grande número de alunos por turmas e o fato de muitas das vezes não estarem totalmente familiarizados com as novas tecnologias e plataformas, dificulta com que o trabalho se prolongue, torne minucioso e na maioria das vezes moroso. O autor supracitado apresenta algumas transformações.

[...] os ritmos, os tempos, as condições de trabalho e as exigências paralelas, impostas aos trabalhadores, em meio às suas atividades principais, agravam a intensidade do trabalho. São processos que produzem desgaste físico e/ou mental e impacto das mais diferentes ordens sobre a saúde dos trabalhadores docentes (ALVES, 2014, p. 7).

O fato de estarem sempre em trabalho, ocupados com atividades de cunho administrativo, e de planejamento acadêmico, com prazos a cumprir, dificulta com que o trabalhador docente sinta uma liberdade nos demais âmbitos da vida, tornando se assim, mais propício para adoecimentos, físicos e mentais. Contudo precisasse ainda compreender essas transformações que em sua maioria estão,

[...] visando ter um número de aulas que lhe garanta um salário um pouco melhor, [o professor] se torna flexível, na medida em que precisa dar uma série de disciplinas diferentes para compor uma carga horária razoável. Muitas vezes assume disciplinas que fogem de sua formação original. Há também a necessidade de estar sempre em trânsito, muitas vezes entre cidades, podendo estar nas duas primeiras aulas em um município e terminar a noite dando as duas últimas aulas em outra cidade (professor volante) (ALVES, 2014, p. 7).

A forma como os trabalhadores docentes trabalham, na maioria das vezes, determina a forma como vivem/viveram, como constroem suas histórias e suas relações, e, até mesmo, como constroem a suas vivências e subjetividades. Entretanto, os trabalhadores podem ou não adoecer, mesmo que estar incluso nesse sistema e vivenciar o cotidiano da educação não sejam

condições para o adoecimento, mas sim uma determinante para a organização da sua própria rotina.

3.3.2 Flexibilização do trabalho docente como uma consequência real

Dever-se-ia, em quase todas as situações, considerar o momento cultural e a realidade de vida do trabalhador docente, para que, em momentos de transformações sociais de um país não se corra o risco de fazer julgamentos e proposições discrepantes e, até mesmo, injustas. Dentro do modelo atual, que é o modelo de trabalho flexível vigente desde o século XXI (já elucidado na seção anterior), podemos observar a *expertise* dos empresários nas formas de contratação e até mesmo na locação dos funcionários, criando um modelo de comportamento e de trabalho que os favorece numa situação em que a vigília está mais no inconsciente do trabalhador do que na cobrança real do empregador. Isso faz com que ele se sinta tão pressionado a cumprir as metas e gerar mais produtividade que ele mesmo passa a se cobrar.

O mundo do trabalho contemporâneo, na transição do século XX para o século XXI, vivencia uma rede de transformações cuja complexidade só pode ser desvendada a partir de uma perspectiva histórico-dialética. As contradições histórico-sociais do trabalho não permitem conclusões apressadas ou definitivas sobre rupturas e novas formas de trabalho ou de relações sociais, pois, ao lado de novas condições e situações sociais de trabalho, velhas formas e modalidades se reproduzem e se reconfiguram, num claro processo de metamorfose social (DRUCK, 2011, p. 37).

Precisamos sempre ter claro que ocorreram e ocorrem mudanças e transformações no mundo em que vivemos em especial nas relações sociais e nas condições de trabalho. Hoje o mundo do trabalho organiza e dá condição de sobrevivência aos seus trabalhadores no cenário atual. Entretanto, para ser dignos dessa sobrevivência e liberdade, os trabalhadores, inclusive os docentes, estão se permitindo ficar em um quadro de precarização social.

[...] o processo em que se instala econômica, social e politicamente uma institucionalização da flexibilização e da precarização moderna do trabalho, que renova e reconfigura a precarização histórica e estrutural do trabalho no Brasil, agora justificada pela necessidade de adaptação aos novos tempos globais. [...] O conteúdo dessa (nova) precarização está dado pela condição de instabilidade, de insegurança, de adaptabilidade e de fragmentação dos coletivos de trabalhadores e da destituição do conteúdo social do trabalho. Essa condição se torna central e hegemônica, contrapondo-se a outras formas de trabalho e de direitos sociais duramente conquistados em nosso país, que ainda permanecem e resistem. O trabalho precário em suas diversas dimensões (nas formas de inserção e de contrato, na informalidade, na terceirização, na

desregulação e flexibilização da legislação trabalhista, no desemprego, no adoecimento, nos acidentes de trabalho, na perda salarial, na fragilidade dos sindicatos) é um processo que dá unidade à classe que-vive-do-trabalho e que dá unidade também aos distintos lugares em que essa precarização se manifesta. Há um fio condutor, há uma articulação e uma indissociabilidade entre as formas precárias de trabalho e de emprego, expressas na (des)estruturação do mercado de trabalho e no papel do Estado e sua (des)proteção social, nas práticas de gestão e organização do trabalho e nos sindicatos, todos contaminados por uma altíssima vulnerabilidade social e política (DRUCK, 2011, p. 41).

É preciso deixar explícito que condições de instabilidade, de insegurança e de fragmentação social estarão cada vez mais presentes nos modelos de contratação e vivências do trabalho. A informalidade, a terceirização e a flexibilização não serão mais exceção, mas sim formas vigentes de trabalho, que a partir do momento em que se faz um paradigma de lucratividade, pode-se observar um crescimento econômico discreto, mas positivo.

A precarização do trabalho como elemento central da nova dinâmica do desenvolvimento do capitalismo, criando uma nova condição de vulnerabilidade social: um processo social que modifica as condições do assalariamento (estável) anteriormente hegemônico no período da chamada sociedade salarial ou fordista. A perda do emprego ou a perda da condição de uma inserção estável no emprego cria uma condição de insegurança e de um modo de vida e de trabalho precários, nos planos objetivo e subjetivo, fazendo desenvolver a ruptura dos laços e dos vínculos, tornando-os vulneráveis e sob uma condição social fragilizada, ou de “desfiliação” social (DRUCK, 2011, p. 43).

Indo mais além, Druck (2011, p. 42) nos chama a atenção para o fato da adequação do docente ao sistema no momento em que há a compreensão do termo flexibilidade como “não estabelecendo laços ou vínculos com lugar nenhum, sem compromisso de nenhum tipo a não ser com o jogo do mercado (financeiro em primeiro lugar)”. Logo, afirmar que a precarização social do trabalho está no centro da dinâmica do capitalismo flexível significa também entendê-la como uma estratégia de dominação e até mesmo de sobrevivência, deixando cada vez mais claro que o que se produziu foi um acréscimo do desemprego e da informalidade, acentuando ainda mais a precarização dos empregos que está associada à insegurança das remunerações, à menor proteção social e à maior rotatividade da força de trabalho.

Entretanto, a precarização do trabalho social, que atinge também o trabalhador docente, não termina aqui. Existem outros modelos.

Os encontrados nos padrões de gestão e organização do trabalho – o que tem levado a condições extremamente precárias, através *da intensificação do trabalho (imposição de metas inalcançáveis, extensão da jornada de trabalho, polivalência, etc.), sustentada na gestão pelo medo*, na

discriminação criada pela terceirização, que tem se propagado de forma epidêmica, e nas formas de abuso de poder, através do assédio moral, que tem sido amplamente denunciado e objeto de processos na Justiça do Trabalho e no Ministério Público do Trabalho (DRUCK, 2011, p. 48).

Esse modelo de precarização amplamente encontrado no Brasil, sem máscaras e meias voltas, pode estar presente no fato de que a qualidade e a empregabilidade do docente são vinculadas à quantidade de publicações e à qualificação da revista em que ele publica, quase desconsiderando a vivência em sala de aula e sua didática. Exige-se também que o docente trabalhe em mais de uma instituição/emprego para conseguir sustentar a família e ter o mínimo de dignidade, visto que seus contratos quase sempre são por hora-aula. Além disso (visto que estamos nos dirigindo ao modelo de universidades, em especial as particulares), esses contratos têm tido uma vigência semestral, modificando a rotina desse trabalhador, gerando instabilidade profissional e medo. Reconhecemos outro fator de precarização no trabalho docente.

[...] o fato de que os gestores *desrespeitam o necessário treinamento*. Isso exige uma adaptação contínua a mudanças e a novas exigências *de polivalência, de um indivíduo “volátil”, sem laços, sem vínculos e sem caráter, isto é, flexível*. Essa condição, agravada por outros imperativos típicos dos chamados padrões modernos de organização empresarial (competitividade exacerbada, rapidez ou velocidade ilimitada), tem gerado um cenário de adoecimento mental com expressões diversas, inclusive os suicídios (DRUCK, 2011, p. 48).

Não vamos falar ainda, nesta seção, do quanto esse modelo vigente adoce o trabalhador, mas iremos abordar sobre como ele executa suas atividades sem oportunidades e tempo para aperfeiçoamentos, sobre como encara a desvalorização mesmo quando é capacitado, obrigando-o trabalhar em várias áreas do conhecimento, responsabilizando-se por disciplinas das quais muitas vezes ele não tem domínio para não diminuir sua renda e não perder o emprego, colocando à prova seus critérios pessoais e éticos para manter sua sobrevivência.

No universo do trabalho docente, o acúmulo de disciplinas e a sobrecarga de atividades acadêmicas lançadas ao professor expressam essa realidade. Ao ter seus vencimentos vinculados à quantidade de horas/aula ministrada, ele acaba tendo de lecionar para várias turmas, comumente numerosas, tendo, por conseguinte, mais tarefas a desempenhar e, muitas vezes, em mais de uma Unidade de Ensino (LOPES; CAVAIGNAC, 2013, p. 394).

A precarização social ainda se remete ao trabalhador docente e

[...]tem suas raízes na condição de desempregado e na ameaça permanente da perda do emprego, que tem se constituído numa eficiente estratégia de dominação no âmbito do trabalho. O isolamento e a perda de enraizamento, de vínculos, de inserção, de uma perspectiva de identidade coletiva, resultantes da descartabilidade, da desvalorização e da exclusão, são condições que afetam decisivamente a solidariedade de classe, solapando-a pela brutal concorrência que se desencadeia entre os próprios trabalhadores (DRUCK, 2011, p. 50).

O cenário atual é favorável à precarização e ao adoecimento do trabalhador fazendo com que as relações no trabalho sejam cada vez mais distantes e escassas, tornando o local de trabalho apenas o ganha-pão, e não mais um lugar de relações e de trocas.

Tais transformações, ao tempo que reafirmam a essência do capitalismo, que transformou o trabalho em mercadoria, dão outra amplitude a essa relação social, ao enfraquecerem a capacidade de resistir e de questionar as novas condições impostas pelo capital, numa clara demonstração de uma atitude de resignação que, aos poucos, contamina até mesmo a capacidade de indignação diante das injustiças sociais, da negação dos direitos e da proteção social, encaradas como uma “fatalidade econômica” (DRUCK, 2011, p. 54-55).

Autores citam:

[...] uma vez inscrita no circuito da mercantilização e, portanto, da valorização do capital, a força de trabalho do professor passa a ser uma mercadoria como outra qualquer, também sendo atingida pela reestruturação produtiva (LOPES; CAVAIGNAC, 2013, p. 390).

Ainda complementam:

Estas circunstâncias atingem o trabalho docente, conferindo-lhe condições precárias de realização, a começar pela flexibilização da relação contratual, como, por exemplo, o contrato horista – comum nas faculdades privadas –, ou o contrato de professor substituto – comum nas universidades públicas –, os quais, não obstante o vínculo formal são formas precárias de trabalho. Ademais, as subcontratações desdobram-se em baixos salários e na insegurança em relação ao emprego e à renda. Conforme assinala Sennett (2010), no novo capitalismo, de raiz flexível, o trabalho traz também consequências pessoais como a convivência num ambiente de risco e a sensação de estar à deriva (LOPES; CAVAIGNAC, 2013, p. 393).

A cada autor, a cada pesquisador, observamos um fio condutor comum aos pensamentos. Não há mais que hesitar no que diz respeito às influências e consequências do capitalismo nos tempos atuais. Entretanto, elas em alguns momentos podem ficar piores quando se trata da relação do professor-aluno.

No espaço de trabalho privado, ganha outras conotações, principalmente por parte do aluno, o qual, muitas vezes, mais em busca do diploma de graduação do que de uma formação profissional de qualidade, assume integralmente o papel de cliente, exercendo sobre o professor certa pressão para que seja aprovado e, assim, atinja seu objetivo, já que, pela lógica do mercado, o cliente deve receber a mercadoria pela qual pagou (LOPES; CAVIGNAC, 2013, p. 396).

Finalizando a discussão e a apresentação desta seção se pode repassar e repensar a forma dos processos de mundialização do capital, constituindo o quadro em que se inscreve o trabalho docente, especialmente quando a educação se torna mercadoria e o professor se transforma num trabalhador produtivo que produz a mais-valia.

[...] sentido do trabalho que estrutura o capital (o trabalho abstrato) é desestruturante para a humanidade, enquanto seu polo oposto, o trabalho que tem sentido estruturante para a humanidade (o trabalho concreto que cria bens socialmente úteis), torna-se potencialmente desestruturante para o capital (ANTUNES, 2018, p. 26).

Submetidos a essas modalidades de trabalho, com contratos “zerados”, “uberizados”, “pejotizados”, “intermitentes”, “flexíveis”, os trabalhadores ainda são obrigados a cumprir metas, impostas frequentemente por práticas de assédio capazes de gerar adoecimentos, depressões e suicídios (ANTUNES, 2018, p. 35).

Aqui reside a dialética espetacular do trabalho, que muitos de seus críticos foram incapazes de compreender. Como já foi anunciado acima, o trabalho é tanto multifacetado, produtor de mercadorias, valores e relações, gerador de transtornos, adoecimentos e sofrimentos. Ao mesmo tempo em que possibilita liberdade e autonomia, cerceia o tempo do trabalhador com inúmeras tarefas, pois os modelos flexíveis, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes, apresentam consequências profundas que desestruturam ainda mais a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos e suas condições de saúde.

4 TRABALHO DOCENTE NA UNIVERSIDADE PRIVADA: RELAÇÕES DIALÉTICAS COM O PROCESSO SAÚDE E DOENÇA

Nesta seção, apresento os efeitos do capitalismo na saúde do trabalhador docente do século XXI, com o objetivo de elucidar e analisar os efeitos do capitalismo nos trabalhadores docentes, em específico dos trabalhadores docentes do Triângulo Mineiro. Essa região é composta por Uberlândia, Uberaba, Araguari, Araxá e Ituiutaba.

Para esta seção foram pesquisados os seguintes descritores, “trabalho docente e sofrimento”; “trabalho docente e saúde mental”; “docente e sofrimento”; “docente e saúde mental”, chegando a encontrar 44 artigos e duas teses nos bancos de dados Scielo, Scrib e Google acadêmico. Destes, foram descartados 15 pelos critérios de inclusão (O resumo abordar sobre sofrimento e trabalho docente) e exclusão (materiais repetidos e que não abordavam os docentes de universidade de ensino superior). Complementou-se a discussão com livros específicos da área (ZIMERMAN, 2010; PERES, 2013; ALVES, 2014; MCWILLIAMS, 2014).

Além destas referências foram usados dados do Observatório do Trabalho e Saúde da OIT (onde foi pesquisado individualmente cidade por cidade), os dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) sobre afastamento e como os mesmos se configuram em relação ao CID (Classificação Internacional das Doenças) que classifica as doenças e sofrimentos.

4.1 O cenário do mundo do trabalho e a saúde de docentes no século XXI no Triângulo Mineiro: um recorte da produção científica documental

Deslocamentos constantes, conhecimentos em transformações, visões de mundo sendo atualizados a todo tempo: essa é a realidade laboral que o trabalhador docente espera diariamente, fazendo com que seu desafio seja o enfrentamento da onipotência dos discursos sedutores do capital na contemporaneidade em decorrência da ética profissional e de um compromisso social. Mas muito mais que apresentar nesta seção resultados, o importante é entender por que os trabalhadores docentes sofrem e estão adoecendo no ambiente de trabalho.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) o conceito de saúde é definido, como um completo bem-estar, físico psíquico, social, e não apenas a ausência de enfermidades ou sofrimentos. Somos seres sociais onde a divisão e o compartilhamento de uma vida e suas consequências afetam significativamente nossos modos de viver, sentir e agir no mundo, logo

em sociedade. No ambiente organizacional, no qual chamamos de mundo do trabalho, não é diferente. As vivências e experiências compartilhadas nesse local podem influenciar os resultados dos trabalhos e da vida do trabalhador.

Segundo Vieira (2014) o que mais está ocorrendo neste contexto é um estranho silêncio, onde não se encontra ruídos da loucura do trabalho, mas sabe-se que ele está lá, cada vez mais frequente, transvestida de um estado de normalidade que é uma conquista mediante uma luta feroz entre as exigências do trabalho e a ameaça de desestabilização psicossomática. E assim se segue, porque esconder o seu sentimento e sofrimento é uma maneira de se proteger e de se defender, perdendo a saúde e o bem-estar que dão lugar às patologias que surgem quando se rompe o equilíbrio e o sofrimento vem à tona (DEJOURS, 1999, p. 19).

Refletindo sobre essa ideia no mundo laboral, se percebe que o trabalhador já utilizou todos os seus recursos intelectuais e psicoafetivos para dar conta das demandas impostas pela organização. E aí, é que se percebe que nada mais pode ser feito para transformar seu trabalho e o ambiente de trabalho, fazendo com que a precarização e o sofrimento instalem-se junto ao mal-estar. Essa precarização do trabalho contribui significativamente para a instalação do sofrimento no indivíduo, decorrentes da perda de autonomia e da sobrecarga de trabalho. Vieira (2014) discursa sobre a ocorrência do sofrimento e do mal-estar docente:

[...] os conflitos cotidianos entre o que se é exigido, e o que desejam, além do que se é possível fazer diante dos obstáculos, das condições de trabalho”. E que na maior parte do tempo está sendo manifestada e expressa como desânimo, fadiga, frustrações, estresse, depressão, insegurança, irritabilidade, angústia, sensação de enlouquecimento e até mesmo esquecimentos. Quase sempre agravados por relações de hierarquização, longas e exaustivas jornadas de trabalho e não reconhecimento social e pessoal do trabalho (VIEIRA, 2014, p. 117).

Em grande parte das vezes, os trabalhadores docentes, que quase sempre são treinados para se expressarem da melhor maneira e mais clara possível, tem dificuldades de compreender e identificar seus sofrimentos. Algumas vezes por não conseguirem compreender de fato o que sentem, outras por estarem sobrecarregados com seus afazeres que negligenciam os sintomas e não muito distante por medo do fato de estarem doentes possa fazer com que percam seus empregos. Por isso se faz importante entender quais são os gatilhos para o sofrimento e mal-estar docente.

compreender a função psíquica do trabalho e seus efeitos sobre a saúde mental, significa, portanto, dar visibilidade a todos os aspectos subjetivos mobilizados no ato de trabalhar. É impossível considerar o trabalho como um

espaço de neutralidade subjetiva e social, uma vez que as exigências do trabalho são uma ameaça ao próprio trabalhador e as relações de trabalho, dentro das organizações, frequentemente despojam o trabalho de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho (VIEIRA,2014, p. 122).

A cada evolução e revolução que acontece no mundo do trabalho precisamos entender que fica mais evidente o quanto o ambiente organizacional e o mundo do trabalho influenciam na vida do trabalhador e no seu resultado. Por mais que se busque uma neutralidade o ambiente é feito das relações humanas e das decorrências destas relações e de seus afetos. Ainda, por mais que se tente transformar ou aproximar o homem de um comportamento automático, esse ainda é um indivíduo com particularidades e subjetividades que proporcionam seu melhor estado de efetividade e produção, onde sua relação com o contexto do trabalho é determinante para a compreensão das dinâmicas referentes à saúde e qualidade de vida do trabalhador (CORTEZ et al., 2017).

Autores reforçam esse pensamento:

A saúde e a doença dos trabalhadores se dão num contínuo limite entre uma situação e outra, apresentando suas variantes dinâmicas que obrigam ao trabalhador docente um esforço criativo e de constante transformações, buscando criar condições e relações que possam preservar sua saúde (PENTEADO; SOUZA NETO, 2019, p. 144).

Todo trabalhador sofre suas variações e elas influem na dinâmica geral do ambiente de trabalho e entre si. Os autores ainda continuam ao dizer que as empresas, escolas e locais de trabalho não procuram uma lógica orientada para evitar doenças, mas sim para domesticá-las, contê-las e controlá-las, onde o trabalhador e o ambiente precisam aprender a viver com ela e constantemente se transformarem.

No tocante à naturalização da problemática do mal-estar e dos sofrimentos e adoecimentos na docência, estudos mostram que professor tem dificuldades em perceber o processo de saúde e doença no trabalho e demoram para buscar serviços de atenção a saúde e quando o fazem, apresentam pouca aderência aos tratamentos e às formas de cuidado (PENTEADO; SOUZA NETO, 2019, p.146).

A busca constante das empresas e escolas, além do mercado de trabalho do século XXI em neutralizar o adoecimento, acaba criando uma cultura do silêncio, do esvaziamento, do estranho e da normalidade do adoecimento e do sofrimento. Bernardo (2014) em seus estudos discorre sobre o trabalho e a saúde onde os entrevistados afirmaram que

[...] trabalhadores docentes, que com direito de afastamento por saúde e aposentadoria por idade, não conseguiam gozar de seus benefícios, voltando ao trabalho antes do previsto, ou protelando a aposentaria, por entender que não poderia deixar suas atividades e tarefas (BERNARDO, 2014, p. 135).

Ou seja, sempre há pessoas dependendo do trabalho deles complicando ainda mais sua saúde e não se permitindo ao devido descanso.

Mas o que ainda continua sempre em aberto em todos esses artigos, livros e teses que foram selecionados, é a forma e como chegamos nesse cenário. O que o mercado de trabalho produz e como produz para silenciar os trabalhadores e favorecer os sofrimentos?

[...] a organização do trabalho ganha relevância e, em se tratando de carga psíquica, aumenta quando a sua liberdade diminui - isto é, uma organização autoritária conduz à elevação da carga psíquica. Quando o rearranjo da organização do trabalho não é mais possível; quando o trabalhador não tem liberdade para rearranjar seus modos operatórios de maneira a encontrar os gestos que são capazes de lhe fornecer prazer ou diminuir sua carga psíquica de trabalho; quando a relação do trabalhador com a organização do trabalho é bloqueada; quando as capacidades de contenção transbordam - então começam os sentimentos de desprazer, a tensão e o sofrimento, e a energia recua para corpo - a fadiga acaba tendo interpretação somática. Ademais, há que se observar que a subjetividade da relação homem-trabalho tem efeitos diversos, os quais podem se concretizar no absenteísmo, nas greves e até mesmo no presenteísmo ou no engajamento excessivo a uma tarefa (DEJOURS, 1999).

As organizações e o mercado de trabalho em busca de maior efetividade, produtivismo e lucros, acabam aumentando a carga de trabalho física e psíquica dos trabalhadores docentes, dando mais responsabilidade aos líderes de setores e coordenadores, e diminuindo a autonomia e liberdade dos professores, cerceando suas autonomias, modelos de trabalhos e planejamentos. De certa forma os trabalhadores da educação sempre desfrutaram de grande liberdade e autonomia nos seus trabalhos, porém, atualmente, os docentes são cercados pelas autoridades dos seus chefes e pelos órgãos de controle como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) que ditam as diretrizes e normas referentes ao trabalho no ensino superior. Esses comportamentos acabam sensibilizando as relações e diminuindo os prazeres dos trabalhadores que se vêem mais inseridos na burocracia do que na educação propriamente dita. Ainda é necessário preocuparmos com os adoecimentos, principalmente quando esse é silenciado pela automedicação no intuito de produzir mais e se fazer mais presente no ambiente de trabalho, garantindo, assim, sua colocação.

Onde na busca de uma postura que aborda o trabalho dos professores do ângulo das defesas que eles constroem diante da adversidade profissional impõe observar a atividade cotidiana do trabalho docente, verificando as formas mais apropriadas de resistência, de adaptação aos imprevistos, de discernimento dos arranjos eficazes, de ajustes aos projetos e o emprego dos gestos nas situações, de assumir diferentes papéis, de construir argumentações aos diversos destinatários, enfim, de lidar com o real (LANTHEAUME, 2012, p. 385).

São com essas defesas medicamentosas, com o silêncio e o presenteísmo, e até o absenteísmo, que os trabalhadores docentes tentam viver e sobreviver as adversidades do trabalho e da vida cotidiana com suas rotinas e imprevistos. Em vários momentos se submetendo a essas situação ao ponto de torná-las cada vez mais naturais para os dias de hoje, tornando-as parte comum do dia a dia dos professores. Enfim da vida real com sua naturalização das condições atuais do trabalho docente.

Com o passar do tempo vai se configurando um quadro que apresenta a Universidade e o ensino superior como submetidos à mesma lógica da reestruturação produtiva que se deu no mundo do trabalho dentro das empresas. E, pode-se acrescentar, adotando um modelo de organização com a rigidez das metas de produtividade, indicando uma clara inspiração toyotista (BERNARDO, 2014, p. 131).

Esse modelo destaca a lógica do capitalismo, em especial, o capitalismo acadêmico, seja ele regido sobre as consequências do individualismo ou da competitividade exacerbada, indo ao encontro com a pesquisa de Bernardo (2014) onde nas falas dos professores docentes é possível notar a similaridade com a dos trabalhadores das fábricas que adotaram um modelo taylorista.

Que evidenciam que a organização do trabalho universitário na atualidade se caracteriza, sobretudo, pela competição e produtividade exacerbadas. Assim, para Blanch-Ribas; Cantera (2011), transforma-se “o que foi um espaço discussão em um grande centro comercial de compra e venda de produtos acadêmicos” (p. 520). Esses “produtos” devem oferecer uma “solução ‘just in time’ de problemas pontuais que afetam os potenciais consumidores” (p. 520), que podem ser os “estudantes-clientes”, no caso da docência (BERNARDO, 2014, p. 130).

Essa discussão justifica e confirma o que tenho abordado nessa pesquisa, onde a preocupação com o rumo que o mercado de trabalho do século XXI faz-se presente na realidade laboral dos trabalhadores docentes, onde em alguns momentos eles e seus conhecimentos se

tornam (meras) mercadorias podendo afetar diretamente a saúde desses trabalhadores. Com tudo isso, uma das certezas que essas mudanças do mercado capitalista do século XXI trazem para nós é a necessidade real de uma nova imagem e identidade no imaginário social e até mesmo para os próprios trabalhadores docentes. De acordo com Ibarra Colado (2003, p. 1061) “ela está deixando de ser uma referência cultural básica da sociedade, uma instituição, para assumir o status de um prestador de serviços ou uma ‘organização de mercado’”.

Notoriamente, a educação está se tornando uma mercadoria voltada para a formação para o mercado e cada vez menos preocupada com a formação do sujeito, onde não mais se resguarda a autonomia e o tempo necessários para o trabalho do professor e nem para um amadurecimento de qualidade que respeite a introjeção do aluno, colocando-o mais próximo a precarização objetiva do trabalho docente, com a adoção de contratos temporários vinculados apenas a semestre letivos, não possibilitando uma continuidade de pensamento entre alunos e professores, tornando assim cada disciplina fragmentada do contexto geral de aprendizagem e desenvolvimento da profissão (CORTEZ et al., 2017).

Pesquisas mostram que há indícios de que o adoecimento físico e mental dos docentes faz parte de decorrentes condições de administração do trabalho e promoção de saúde insatisfatória.

O sofrimento psíquico teria origem na mecanização e robotização das tarefas que se expressam por meio de fazer ausente de sentido determinado, a priori, pela lógica de administração científica do trabalho. Assim, as pressões e imposições exercidas pelas organizações de trabalho, associadas às exigências de adaptação à cultura e valores organizacionais, levariam o trabalhador ao sofrimento e exaustão para entende à sobrecarga de trabalho própria do modelo administrado de trabalho (DEJOURS, 1999, p. 114).

É evidente que o equilíbrio psíquico e emocional do trabalhador docente passa por uma realização onde todo seu trabalho faz, mesmo sofrendo com as características tayloristas, sendo precarizado e com cada vez mais prioridades no produtivismo, caracterizando-se num panorama do trabalhador docente influenciado pelas mudanças trazidas pelo capitalismo no século XXI.

Tal sofrimento procede das condições de trabalho, de sua organização e das relações sócio profissionais, que restringem a plena realização do homem, a sua liberdade – expressão da subjetividade e identidade (MARTINS; HONÓRIO, 2014, p. 838).

O sofrimento é, portanto, o reflexo de um modo de produção específico cada vez mais presente nas novas formas de gestão da universidade e centros universitários. Na atualidade, a realidade de uma acumulação flexível do capital, que promove padrões de comportamento dos trabalhadores, cada vez mais limítrofes e perto de uma precarização natural, visto que eles

necessitam do trabalho para sobreviver, e com isso se submetam a essas formas e condições de trabalho. Na maior parte das vezes, há submissão sem protestos, levando à aceitação da organização do trabalho, incentivada por meio dos gestores que se aproveitam da vulnerabilidade dos trabalhadores para explorar sua produtividade e instaurar os preceitos da cultura do desempenho (LA BOÉTIE, 1999; MENDES; FERREIRA, 2007). Assim, o trabalho pode ser caracterizado como fonte de prazer e sofrimento ou, como queira, de gratificação e desgosto (MARTINS; HONÓRIO, 2014).

Com isso, a precariedade subjetiva vem se caracterizando pelo sentimento de isolamento e abandono encontrados na relação docente e nas relações de mercado de trabalho. A falta de reconhecimento de si e do outro e o excesso de tarefas e obrigações conseqüentemente afeta o bem-estar e a saúde dos docentes bem como a qualidade do trabalho. Os desgastes dos professores e trabalhadores docentes devido a toyotização/robotização da universidade podem comprometer não apenas a saúde deles, mas também a tão buscada produtividade acadêmica (BERNARDO, 2014).

Dessa forma, os docentes estão imersos em um conflito diário entre o que é exigido e o que desejam, e sobre o que realmente é possível fazer diante dos obstáculos, das condições e da organização atual do trabalho e do seu mercado. A OIT ao reconhecer o lugar central que os trabalhadores docentes ocupam na sociedade, uma vez que são os responsáveis pelo preparo do cidadão para a vida (OIT, 1984), se depararam com as condições de trabalho cada vez mais patologizantes, fazendo assim com que acredite que não pode ser mais possível atingir a meta de um ensino eficaz, que a cada dia está mais distante do ideal (GASPARINI; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005).

Reconhecemos que a exploração produz a exaustão e a exaustão obscurece a consciência, abrindo caminho à alienação. Assim, para que os lucros existam muitas vezes é necessário o adoecimento do trabalhador.

Nesse sentido, o trabalho é fonte de prazer quando favorece a valorização e reconhecimento pela tarefa executada e propicia ao trabalhador liberdade de adequar-se à organização do trabalho, conforme seu desejo e necessidades. Por outro lado, passa a ser fonte de sofrimento, na medida em que a relação entre sujeito e trabalho está bloqueada em que há sobrecarga ou subutilização das faculdades intelectuais, psicoafetivas, de aprendizagem e de adaptação, levando ao sofrimento (HOFFMANN et al., 2019).

Não restam dúvidas que o cenário e o ambiente de trabalho docente podem sim adoecer seus trabalhadores. Dejours (1999) pontua que as relações humanas representam um fator

importante da carga psíquica no trabalho. Nesse sentido, a falta dessa relação pode também criar momentos de adoecimentos, fazendo com que os trabalhadores não sejam sujeitos passivos relativamente à organização do trabalho, mas sim ativos do ponto de vista externos e internos, no sentido em que mobilizam estratégias defensivas para enfrentar as situações que colocam em risco a sua integridade (PENA; REMOALDO, 2019).

Constata-se que as condições de trabalho afetam o corpo do trabalhador (a sua componente física). Contudo, a organização do trabalho exerce maior influência ou pressão sobre o aparelho psíquico (Azevedo; Lobo, 2013), por comportar o conteúdo significativo do trabalho. (PENA; REMOALDO, 2019, p.150).

Esse processo de desumanização, de precarização e adoecimento que está cada vez mais presente no cenário de trabalho do século XXI fazem com que os trabalhadores criem formas de enfrentar o sofrimento psíquico, por meio de estratégias singulares de defesa, como a excessiva submissão, a resistência a todo tipo de mudança, o baixo índice de envolvimento no trabalho, a psicossomatização e perda de percepção e consciência dos sérios problemas vivenciados no cotidiano da escola (OLIVEIRA, 2010).

Parece contraditório e estranho, mas os trabalhadores docentes se empenham mais na execução das tarefas (presenteísmo) com o objetivo de diminuir o sofrimento e evitar o adoecimento. As pessoas podem não entender como e por que os docentes são resistentes ao autocuidado; na verdade na maior parte dos casos esses trabalhadores não conseguem detectar os sinais/sintomas de esgotamento profissional, negando sua rotina ou por acreditarem que o sofrimento e o desgaste podem ser evitados ou é por exageros próprios advindos de outras atividades. No entanto, vivenciar o sofrimento é resultado do desgaste e do estresse ocupacional acumulados ao sentimento de injustiça, indignação, insatisfação e do esgotamento emocional (PENA; REMOALDO, 2019).

Está subentendido que observar o mundo com olhar crítico faz parte da docência e, ser capaz de abrir espaço para liberdade de pensar é algo estimulante. Entretanto os docentes vêm perdendo essa liberdade sendo conduzidos a fazer parte da indústria reprodutora da educação, onde se deve sempre seguir uma meta e lógica toyotista por meio do controle dos seus atos, do seu tempo e dos seus resultados, assimilando-os aos objetivos neoliberalistas onde a mercadoria e o mercado se regulam a todo o momento, em todas as relações. Nessa relação, claramente, o trabalhador docente é um mero objeto para obtenção de lucros (FORATTINI; 2017).

O século XIX, que já nasceu sob a égide da barbárie social, apresenta um processo de mundialização perversa para o homem que trabalha, onde a desefetivação do ser humano-mercadoria o tornou descartável, invisível, coisificado, fragmentado e adoecido (BRAVERMAN, 1980; ANTUNES, 2002; VIZZACCARO-AMARAL et al., 2013).

As consequências deste cenário são os prejuízos na saúde do trabalhador docente, juntamente com os distúrbios crônicos da saúde, que podem apresentar causas multifatoriais do ambiente de trabalho podendo desempenhar um papel central no desenvolvimento e no efeito do adoecimento, onde o sofrimento no trabalho começa quando, apesar de seu zelo, o trabalhador não consegue dar conta da tarefa.

A academia é hoje um lugar de risco para a saúde, pela frequência das doenças psicossomáticas entre professores. Entre os males mais diagnosticados citam-se: gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional (*burnout*). Com exceção da sala de aula e do relacionamento com os alunos, fatores considerados gratificantes, cobranças excessivas, compressão do tempo, competição ferrenha e contínua atualização tecnológica e da área de estudos dão origem a uma fadiga institucional, que coloca a carreira como uma das mais estressantes do mercado (VILELA; GARCIA; VIEIRA, 2013, p. 521).

Até aqui nesta subseção foi possível conhecer e entender um pouco mais sobre o cenário de trabalho do docente no século XXI, e como possivelmente ele causa sofrimentos e adoecimentos nos seus trabalhadores. Através de uma ausência quase onipresente, velada, escondida e subentendida, onde quase tudo está negado. Na próxima seção iremos apresentar os sofrimentos e as doenças que são mais frequentes e presentes e como elas afetam esses trabalhadores.

4.2 O mundo do trabalho e seus efeitos

Nesta seção descrevo alguns dos sofrimentos e mal-estar mais citados nos estudos feitos sobre o adoecimento dos trabalhadores docentes, com o objetivo de apresentar e compreender como os mesmos podem transformar a vida desses profissionais na tentativa de dar voz ao estranhamento, ao silêncio e ao sofrimento vivenciados.

[...] se sofrem, não podem demonstrar sua fragilidade e vulnerabilidade. O que configura uma desproteção e maior exposição à precariedade, além de sugerir uma subjetividade aprisionada, anulada em sua autonomia e limitada em suas possibilidades e potencialidades (JILOU; CECÍLO, 2015, p. 238).

4.2.1 Angústia

Cícero (106-43 a.C.) filósofo, influenciado por Platão, é o primeiro a definir a angústia como um lugar estreito, de dificuldades, miséria e falta de tempo que podem trazer um descontentamento consigo mesmo. Essa descrição assemelha-se com a maioria das definições e relatos apresentados nos textos lidos até o presente momento, se fazendo presente e constituinte no indivíduo, mesmo se encontrando em excesso, como no caso dos docentes desse século (SOUZA; LEITE, 2011).

Presencia-se essa angústia durante o semestre letivo na forma de avaliação dos docentes que acabam preparando suas práticas no tocante do desejo do aluno e da sua necessidade, mas não mais baseado no que deve ser ensinado.

Eu percebo que as cobranças não veem com uma avaliação de acompanhamento, de melhoria de trabalho, de desempenho. Às vezes, veem para te derrubar mesmo. Lá, por exemplo, eles fazem avaliação dos professores todo semestre. E para quê? Eles devem pensar que aquele com ótima avaliação não fazem mais que sua obrigação (MARTINS; HONÓRIO, 2014, p 844).

Avaliações quantitativas aplicadas sobre os alunos frequentemente sem uma análise próxima estão se tornando causadores de sofrimento e angústia. Com isso o que caracteriza segundo Heidegger, a angústia é o fato de o ameaçador não se encontrar em lugar algum. Lugar algum não é um mero nada negativo, mas um sempre presente que, de tão próximo, sufoca a respiração. Foi observado repetidamente essa característica e referência de algo ameaçador e que não necessariamente se faz presente de forma física na realidade do docente, mas de forma inconsciente. Entretanto, podemos encontrar também no seu chefe e até mesmo nos colegas de profissão essa ameaça angustiante e presente que causa sofrimento, que evidenciam essa questão na maioria das universidades particulares. Um exemplo dessa situação é evidenciado na pesquisa de Martins; Honório (2014, p.840) e afirmada por (OLIVEIRA, 2010):

Por exemplo, os professores continuam sendo contratados e remunerados por horas/aula, quando, na realidade, exige-se deles ampla participação em atividades extraclasse sem que, necessariamente, recebam uma compensação justa para este fim (MARTINS; HONÓRIO, 2014, p 840).

Diante de todas as pressões que o mesmo vivencia, a angústia se torna fruto da consciência de responsabilidade perante as escolhas do mundo, principalmente hoje, em plena dominância do capitalismo, em que o questionamento do docente se faz todos os dias, visto que ele é pressionado a todo tempo a ensinar para o mercado; em contrapartida seu ensinamento e

preceito o fazem querer ensinar as competências e fundamentos básicos e essenciais ao profissional. Essa necessidade de ensinar para o mercado e pensando em número de horas-aula e contratos disponíveis levam a modelos cada vez mais parecido com taylorismo, fazendo com que a única forma e perspectiva de calar os sintomas e os efeitos do mesmo, é aceitar a desrazão.

Segundo Souza; Leite (2011) com advento da revolução industrial, a noção de trabalho tornou-se fundamental no campo social, privilegiando o bem-estar coletivo em detrimento do individual, chegando a se cogitar que o trabalho a partir do século XX poderia ser uma forma de tratamento para angústias. Mas aparentemente algo mudou nas organizações que as mesmas não são vistas como algo que retira a angústia, mas sim que provoca efeitos em seus trabalhadores, iniciando uma percepção negativa do labor.

[...] enfraquecido pela precarização da organização do trabalho tornando-se incapaz de absorver a criatividade e a variabilidade na execução das tarefas, como também de vivenciar sua subjetividade. Problemas ligados à precarização do trabalho são comuns em qualquer tipo de ocupação, inclusive na docência (MARTINS; HONÓRIO, 2014, p 836).

Forattini (2017, p. 61) salienta que o docente é “entendido como um profissional idealista sem valorização social, com sentimento ambíguo entre ser e dever ser professor, dentro de fortes traços morais e éticos”, sendo cada vez mais oprimidos pela precarização e normatização do trabalho, criando um constante sentimento de ambiguidade e esvaziamento da fala e das relações. Isso nos remete ao fato de que não podemos nos esquecer que o ato de ensinar é um ato humano, que está sendo ameaçado pela mercantilização do conhecimento pelo conhecimento.

O estranhamento do ser que trabalha lhe subtrai da família, das relações sociais, dos momentos de fruição do lazer, da vida genérica, se apropriando do seu corpo inorgânico. A consciência no sentido de ser de e dominada pelo obter. As pontuações e as metas produtivas, a conclusão de projetos e o alcance de objetivos institucionais tornam-se mais importantes e prementes que as condições humanas básicas como descanso, férias, convivência e autopreservação. A liberdade e a autonomia são relativas ao cumprimento das responsabilidades, capturando todo o sentido da vida. Doar-se integralmente passa a ser visto como obrigação e parte do jogo. Nesse sentido uma inércia domina a consciência dando origem a um ser estranhado e submisso (MARX, 2011, p. 85).

A ansiedade normal vincula-se à presença de uma ameaça externa, que geralmente tem papel adaptativo, ajudando a sobrevivência do indivíduo. O mercado faz pressões para que seu trabalhador docente modifique e se adapte as necessidades deste mercado, mas quando se trata

de uma ansiedade que já está no campo do patológico, de um sofrimento significativo, a mesma passa a não ter um papel adaptativo causando ameaças internas, como o fato de não conseguir falar e de se pronunciar ou até mesmo de estar em uma sala de aula, fazendo com que esse encontro com a angústia possa remeter a uma repetição dos mecanismos de defesa (SOUZA; LEITE, 2011).

A angústia surge originalmente como uma reação a um estado de perigo e, por isso, é reproduzida sempre que se repete. Esse perigo no cenário do trabalho docente do século XXI, está apresentada na flexibilização e na precarização, que gera a necessidade de autonomia para lidar com a amplitude do trabalho docente, levando em muitos casos o professor a transgredir de maneira ambivalente, sempre que se permanece nesse ambiente de tensões e de rotinas sufocantes (FORATTINI, 2017).

[...] vê-se que a docência está imersa numa práxis estranhada, objetivada e capturada pelos processos institucionais no âmbito mundial. A consciência e a humanização das relações assim como a cooperação entre os pares estão cada vez mais coagida por um sistema educacional coisificado, burocratizado e competitivo (SILVA; SILVA JR., 2010, p. 225).

A psicanálise nos ensina que o sintoma é algo paradoxal, uma verdadeira formação de compromisso entre o desejo e a defesa. Diante disso da mesma forma que o trabalhador docente se coloca feliz em conseguir cumprir suas tarefas, em realizar seu trabalho nos dias de hoje ele compreender que cumprir essas tarefas seja também provocar e fazer surgir sua angústia, seu sofrimento e os efeitos do capitalismo no cenário do trabalho docente no século XXI.

[...] meu tempo é para o trabalho, com isso percebo que vou me agredindo, agredindo minha saúde, minha mente que fica cansada, esgotada”. “Penso que meu trabalho seria muito mais produtivo se tivesse tempo para preparar a aula com cuidado, estudar, realizar pesquisa [...] Isso não é possível. [...] Só abandonando a educação para mudar isso (FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 166).

A cada construção e leitura fica mais evidente que a angústia é um dos efeitos do trabalho docente no século XXI, parte indissociável do trabalhador, da mesma maneira que ela é inevitável e promotora de possibilidades. Mas esses efeitos não se limitam a angústia, que se torna a versão mais branda e menos perigosa desse percurso. A seguir compreenderemos melhor sobre os efeitos da depressão no cenário do trabalhador docente.

4.2.2 *Depressão*

O ser humano vive um momento em que a homogeneização, a padronização, a globalização e as promessas ilusórias de condições igualitárias de vida conduzem a uma maneira de estar no mundo em que a singularidade de cada indivíduo encontra pouco espaço de sobrevivência. A alienação adquire expressão dominante e o desespero da alma encontra refúgio na criação, na permanente procura de sentido, trazendo e evidenciando a solidão da existência (PERES, 2013).

Os indivíduos desde os primórdios se constituíram para serem seres de relações e viver em sociedade; assim o trabalho docente não foge, e não deveria fugir, a essa regra, guardando e respeitando as suas particularidades, opiniões e expressões. Uma das características principais dos docentes imbuída no ato de ensinar é a escuta ao próximo que vem se perdendo no contexto do trabalho docente do século XXI.

Ela [a IES] tenta dominar a todo o momento. Isso é claro. Você tem que vestir a camisa, ser produtivo, pensar com a cabeça deles (coordenadores). Eu tenho minha opinião. Por isso me revolto, às vezes, com uma porção de coisas erradas. Já tive problemas com isso (MARTINS; HONÓRIO, 2014, p 843).

Essa visão demonstra a impossibilidade de se construírem relações saudáveis, que cada vez mais fazem parte desse cenário, onde a competitividade e o isolamento elevam as contradições do ato de ensinar, e até mesmo de se fazer ciência, transformando e possibilitando o cenário docente em terreno estéril. O produtivíssimo, acima de qualquer condição, transforma a vida coletiva em um campo adverso de relações (FORATTINI, 2017).

“O capitalismo manipulatório, a sociedade capitalista entrou em uma fase decisiva, com impactos importantes na objetividade e na subjetividade do trabalho e do trabalhador (ALVES, 2007, p. 27).

Toda essa construção faz com que os sujeitos humanos, aqui representado pelo trabalhador docente encontrem um vazio estrutural através dessas relações indizíveis, dessa competitividade e dessa manipulação provocando e causando efeitos cada vez mais parecidos como o de morte em vida, uma fraqueza do ser um desencanto absoluto (PERES, 2013).

Nunca sabemos se ficaremos na instituição a cada semestre. Então, trabalho né? Perco férias, perco tudo, por causa dessa falta de estabilidade [...] Mas sei que isso afeta minha saúde. Mas tem outra opção? Percebo que estou entre a cruz e a espada. Se trabalho demais, sei que adoço, mas se não trabalho passarei dificuldades. E agora? Paro de trabalhar? Não dá né? Meu trabalho

me sufoca, não me permite mais acreditar que um dia vou ter uma vida melhor [...] Vivo para o trabalho e ele não me permite viver com dignidade (FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 169).

Inscrições e ditos como este estão cada vez mais presentes nas pesquisas e nos estudos, nas salas e na vida dos professores, deixando de existir um pudor das relações tornando-as cada vez mais triste o homem e mais superficial a alegria. Estas relações deixam de ser algo natural e consciente e começam a se tornar escolhas inconscientes e naturais. Então, aceitar condições não humanas de trabalho se tornou natural e adoecedor porque segundo Marx (2011, p.91) sem trabalho ele não existe como trabalhador e, se não existe como trabalhador, “ele não tem nenhum trabalho e, por causa disso, nenhum salário, podendo deixar-se enterrar, morrer de fome.”

Muitos já tiveram a má sorte de ter sofrido de tristeza incessante, falta de energia, incapacidade de se divertir, problemas com alimentação e sono, que aos poucos vão caracterizando a depressão. Esses efeitos ocorrem pela sobrecarga de trabalho aqui representada pela fala de um dos participantes de uma pesquisa realizada por FRIZZO; BOPSIN (2017).

A gente tem muitos alunos, uma turma muito numerosa, e trabalhar com uma graduação é uma baita responsabilidade e é difícil quando tu tem uma turma com 100 alunos, como é que tu vai dar uma atenção individual? Então acaba que a gente fica dando aulas palestra [...] eu não tenho uma turma de 100 alunos, eu tenho três, quatro turmas, então, no montante, são muitos alunos, muitas provas, as tarefas aumentam e a cobrança também (FRIZZO; BOPSIN, 2017, p. 1275).

A angústia tende a vir em ondas, entre episódios de sofrimento, podendo funcionar quase que normalmente, enquanto na depressão a dor é inevitável e implacável chegando a ser mortificante. Esses efeitos da depressão operam de modo sutil, crônico, organizacional, começando por pequenas decepções.

Quando escolhi essa profissão pensava inicialmente em realização profissional, em ajudar a salvar o mundo etc. Estou há dez anos na profissão e hoje, olhando para o futuro, não alimento muitas expectativas. A começar pela remuneração que está longe da ideal, o que me obriga a trabalhar em vários lugares. Fico cansado demais por causa disso. E não é só o corpo que tá cansado não. Depois veem as cobranças da vida universitária, alunos que não demonstram muita motivação pra aprender. Não nutro muitas expectativas não, se pudesse faria outra coisa mais reconhecida, menos dar aula (FARIASJÚNIOR, 2014. p. 174).

Esse fragmento analisa bem os caminhos do sofrimento, iniciando pela idealização da profissão que precisa ser revista e caminhando ao encontro com o real que é onde surgem os efeitos do capitalismo no trabalho docente que se misturam a uma série de frustrações na busca pelo ideal culturalmente estabelecido, surgindo o sofrimento. A psicanálise nos alerta e chama a atenção para uma situação paradoxal onde o próprio homem é responsável por criar situações que se reverterem em maior fonte de mal-estar (PERES, 2013).

Por se representar por uma forma quase sempre sutil, os sinais e efeitos podem ser tão insidiosos e pouco aparentes, que muitas das vezes iludem a percepção, chegando de forma brusca e inesperada, causado por um trauma e sendo capaz de provocar sérios riscos de suicídio (ZIRMERMAN, 2010). As sutis ameaças que são quase sempre de conversas de corredores, ou que surge de lugares desconhecidos, podem ser um dos efeitos desses surgimentos.

[...] quem não anda na linha perde o lugar. Por isso não tenho nenhuma esperança e nem motivação [...]. Ainda contínuo na docência por uma questão de sobrevivência mesmo. Espero, em breve, fazer qualquer concurso e ter estabilidade, planejar meu futuro... Ser professor desgasta muito, muito trabalho mesmo. Pagam pouco, mas não oferecem condições pra que a gente sinta prazer e satisfação no que faz (FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 174).

[...] Docência já deu o que tinha que dá (FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 172).

[...] acabo não tendo tempo pra outra coisa que não o trabalho (FARIASJÚNIOR, 2014, p. 171).

A impressão que fica é que o trabalhador docente entra por um ideal e sai de lá sem nada. Se ideal, sem saúde, totalmente desestimulado, com baixa autoestima, sentimento de culpa, alto nível de exigência consigo mesmo, extrema submissão e sentimento de perda são descrições e definições que encontramos tanto no trabalhador docente quanto na depressão (ZIRMERMAN, 2010). Segundo Forattini (2017)

[...] as emoções de resistência são reflexos da desefetivação da subjetividade humana diante das contradições do mundo do trabalho, tornando esse trabalhador estranho em relação a si e a vida (FORATTINI, 2017, p. 113).

Fica cada vez mais difícil não adoecer ou sentir alguns efeitos do capitalismo no trabalhador docente do século XXI. Por mais que existam discursos e situações positivas, sempre tem algo que causa um sofrimento no trabalhador docente.

Não posso me queixar de algumas condições. Eles oferecem os materiais necessários para dar aula, tem data (show) em todas as salas, a sala é boa, mas a questão não é essa. Trabalhamos muito, pois todos aqui têm muitos empregos. Então não adianta termos uma estrutura boa, se não temos tempo

para preparar aulas dinâmicas, pesquisar novas metodologias. Durante a semana temos que fazer muitas coisas, pois cobram muitas coisas também, exigem muitas coisas, do plano de aula à provas que sempre tem que ser entregues com antecedência, além de cobrança pela entrega da nota na secretaria, da participação em reuniões com a coordenação do curso, que sempre é no final de semana... quando eu queria está fazendo tudo, menos ter que tá envolvido com aquilo (FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 180).

O trabalhador docente abdica de muitas coisas e situações. Vê-se de certa forma preso a uma trama que como dita anteriormente não sabe bem como entrou e nem como sair; apenas sabe que o aprisiona. Na maioria das vezes por exercer uma pressão do movimento Toyotista o que segundo Alves (2013, p. 462) “faz com que o tempo de vida se reduz ao tempo de trabalho estranhado invadem o tempo livre ou tempo disponível para si, reduzindo o tempo para relação com amigos e família”.

O sofrimento de uma pessoa clinicamente deprimida é tão palpável e aprisionante, que se torna quase palpável. E por apresentarem alguns aspectos tristes os depressivos se tornam pessoas fáceis de gostar e de admirar (MCWILLIAMS, 2014).

[...] é complicado saber que não posso fazer nada pra mudar essa situação. Então tenho que aceitar as condições impostas, mesmo contra minha vontade. Aqui ninguém se importa com ninguém, é cada um por si. Se eu adoecer, a maioria acha até bom. É um a menos pra disputar o emprego com eles(FARIAS JÚNIOR, 2014, p. 190).

Mezáros (2011, p. 45) salienta

[...] o autocontrole funciona nas atividades docentes que se autoimpõem um ritmo de trabalho excessivo e adoecedor. E, os aspectos de estranhamento mais perverso é o que provoca no trabalhador a sensação de fracasso de irresponsabilidade.

Na maioria das vezes esse ritmo é porque não se possui uma estabilidade da instituição privada, nem do emprego e nem da carga horária, fazendo com que se trabalhe mais e logo diminua a sua qualidade de vida e se sujeite a depressão.

[...] não tem jeito. Temos que obedecer, né, as cobranças. Se não obedecer é muito difícil que não tenha demissão. E ser demitido por isso nunca é legal.[...]se não atender as exigências, se não andar na linha, alguma coisa acontece... Geralmente perde carga horária. [...] procuro sempre cumprir as exigências, pois sei que assim terei mantido meu emprego e a minha carga horária(FARIA JÚNIOR, 2014. p. 184).

As demonstrações dos efeitos e dos sofrimentos dos trabalhadores docentes ficam claros na literatura e nas pesquisas feitas pelos pesquisadores que foram apresentados ao longo da seção. O mundo do trabalho docente pode produzir situações e momentos em que seus frequentadores sofram algum tipo de angústia, estresse, depressão ou outras patologias da ordem física e psicossomáticas. Na subseção a seguir irei apresentar alguns dados que a organização mundial do trabalho compilou juntamente com INSS sobre os afastamentos e adoecimentos do mundo educacional.

4.3 Os dados da Organização Mundial do Trabalho

A OIT se configura como um dos maiores núcleos de recursos de informação, análise e orientação sobre o mundo do trabalho. A investigação acompanha e reforça todas as atividades práticas da Organização, que é considerada mundialmente como uma fonte autorizada de informação estatística (OIT, 2018).

Diante dessa confiabilidade, e organização apresento os dados dos afastamentos segundo o INSS no período de 2012 a 2018, dos trabalhadores docentes da região do Triângulo Mineiro, selecionados e classificados pelo CID.

4.3.1 Uberlândia

Segundo os dados do Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho no período de 2012 a 2018, em Uberlândia, 302 trabalhadores da educação superior deram entrada no INSS com pedido de afastamento. Destes, apenas 18 são docentes; os demais atuavam em outras funções das instituições.

Identificaram-se nesse grupo 51 patologias, sendo que 22 delas são referentes às doenças mentais ou psicossomáticas (Quadro 01). Em seguida apresentou-se os dados gerais retirados da OIT sobre a distribuição dos docentes afastados, auxiliando na leitura e compreensão dos dados (Figura 01 e 02). Após, segue o Gráfico 01 referente à distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo. Na cidade de Uberlândia, segundo os dados, os professores da pós-graduação foram os que mais solicitaram afastamento.

Quadro 01 – Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Uberlândia – MG, 2019.

CID	Transtorno	n
F32	Episódios depressivos	09
F33	Transtorno depressivo recorrente	04

F41	Outros transtornos ansiosos	03
L20	Dermatite atópica	03
E88	Outros distúrbios metabólicos	01
R51	Cefaléia	01
F19	Transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas	01
Total		22

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.



Figura 01 – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Uberlândia – MG, 2012 – 2018.

Fonte: OIT, 2019.

C50 - Neoplasia maligna da mama 1%	M75 - Lesões do ombro 1%	M51 - Outros transtornos de discos intervertebrais 1%	S96 - Traumatismos do músculo e tendão ao nível do tornozelo e do pé 1%	C67 - Neoplasia maligna da bexiga 1%	O30 - Gestação múltipla 1%
S83 - Luxação, entorse e distensão das articulações e dos ligamentos do joelho 1%	O03 - Aborto espontâneo 1%	E88 - Outros distúrbios metabólicos 1%	I26 - Embolia pulmonar 1%	I25 - Doença isquêmica crônica do coração 1%	K80 - Colelitíase 1%
H52 - Transtornos da refração e da acomodação 1%	S52 - Fratura do antebraço 1%	R51 - Cefaléia 1%	K42 - Hérnia umbilical 1%	S32 - Fratura da coluna lombar e da pelve 1%	S93 - Luxação, entorse e distensão das articulações e dos ligamentos ao nível do tornozelo e do pé 1%
O36 - Assistência prestada à mãe por outros problemas fetais conhecidos ou suspeitados 1%	Z98 - Outros estados pós-cirúrgicos 1%		O28 - Achados anormais do rastreamento ["screening"] antenatal da mãe 1%	000 - Gravidez ectópica 1%	T81 - Complicações de procedimentos não classificadas em outra parte 1%
O33 - Neoplasia benigna do encéfalo e de outras partes do sistema nervoso central 1%	G56 - Mononeuropatias dos membros superiores 1%		C53 - Neoplasia maligna do colo do útero 1%	K35 - Apendicite aguda 1%	A09 - Diarréia e gastroenterite de origem infecciosa presumível 1%
D15 - Neoplasia benigna de outros órgãos intratorácicos e dos não especificados 1%	I83 - Varizes dos membros inferiores 1%				
F19 - Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas 1%	R32 - Incontinência urinária não especificada 1%		O21 - Vômitos excessivos na gravidez 1%		C54 - Neoplasia maligna do 1%

Figura 01 (continuação) – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Uberlândia – MG, 2012 – 2018.
Fonte: OIT, 2018.

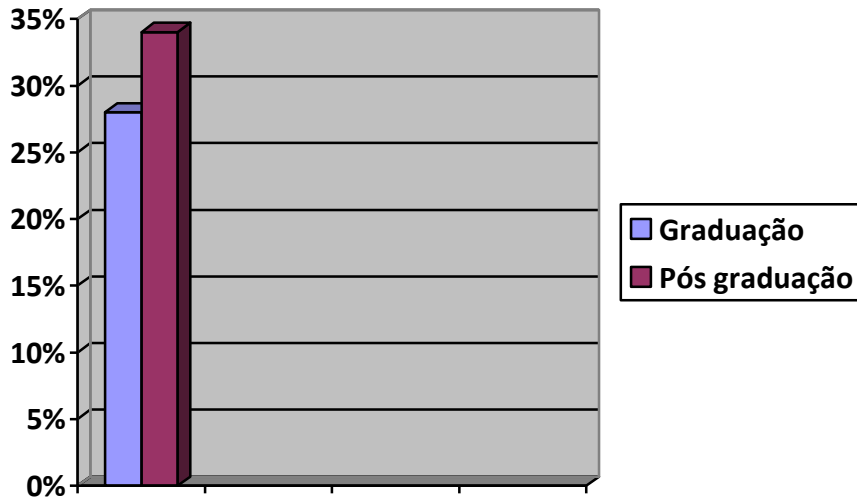


Gráfico 01 – Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação. Uberlândia, 2019.
Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

4.3.2 Uberaba

Na cidade de Uberaba segundo os dados do Observatório de Segurança e Saúde no trabalho 572 pessoas que trabalham na educação superior no período de 2012-2018 deram entrada no INSS pedindo afastamento. Destes, apenas 47 são professores do ensino superior, os demais trabalham em outra função nas instituições de ensino. Foi possível observar que esses trabalhadores apresentaram 175 patologias referentes a doenças mentais ou psicossomáticas, que foram apresentadas no Quadro 02. Em seguida apresenta-se os dados gerais retirados da OIT que auxilia na leitura e compreensão dos dados. Após, segue as Figuras 02 e 03 referentes ao recorte dos trabalhadores docentes e o maior índice de afastamento. Na cidade de Uberaba, segundo os dados, os professores da graduação são os que mais pedem afastamento.

Quadro 02 - Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Uberaba – MG, 2019.

CID	Transtorno	n
F20	Esquizofrenia	1
J18	Pneumonia por microorganismo não especificada	1
F53	Transtornos mentais e comportamentais associados ao puerpério, não classificados em outra parte	1
R53	Mal estar, fadiga	1
S49	Outros traumatismos e os não especificados do ombro e do braço	1
E88	Outros distúrbios metabólicos	1
E34	Outros transtornos endócrinos	1
J45	Asma	1
I63	Infarto cerebral	1
S09	Outros traumatismos da cabeça e os não especificados	1
F51	Transtornos não-orgânicos do sono devidos a fatores emocionais	1
I21	Infarto agudo do miocárdio	1
G47	Distúrbios do sono	1
A46	Erisipela	1
F40	Transtornos fóbico-ansiosos	1
L93	Lúpus eritematoso	1
F44	Transtornos dissociativos [de conversão]	1
M72	Transtornos fibroblásticos	2
G30	Doença de Alzheimer	2
G40	Epilepsia	2
L98	Outras afecções da pele e do tecido subcutâneo não classificadas em outra parte	2
F25	Transtornos esquizoafetivos	3
F10	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de álcool	4
I64	Acidente vascular cerebral, não especificado como hemorrágico ou isquêmico	5

F43	Reações ao "stress" grave e transtornos de adaptação	6
F19	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas	8
F31	Transtorno afetivo bipolar	10
F41	Outros transtornos ansiosos	20
F33	Transtorno depressivo recorrente	38
F32	Episódios depressivos	56
Total		175

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

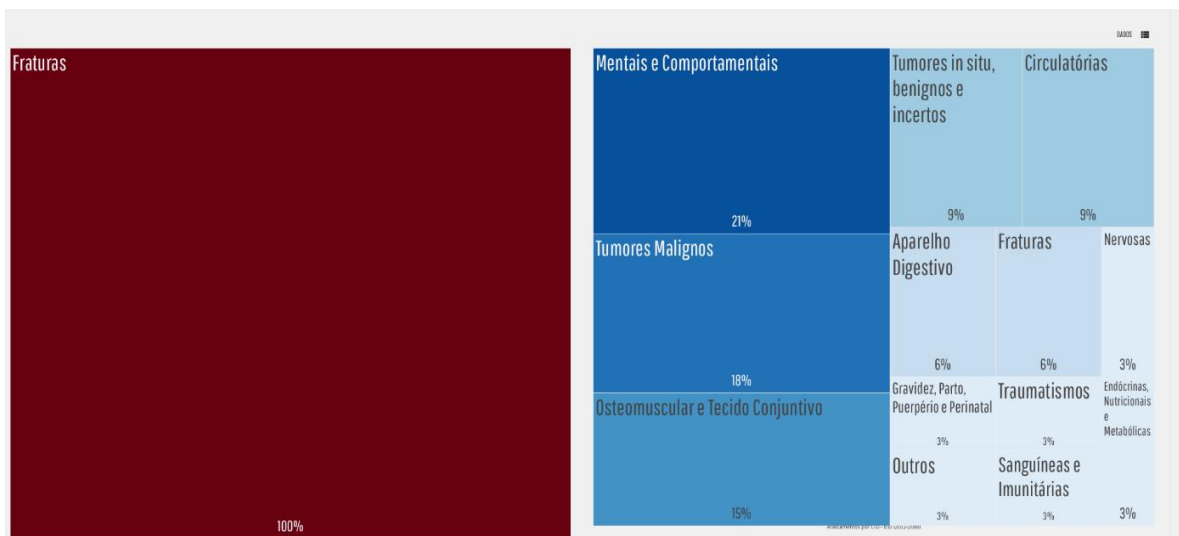


Figura 02 – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Uberaba – MG, 2012 – 2018 (continuação...)

Fonte: OIT, 2018.

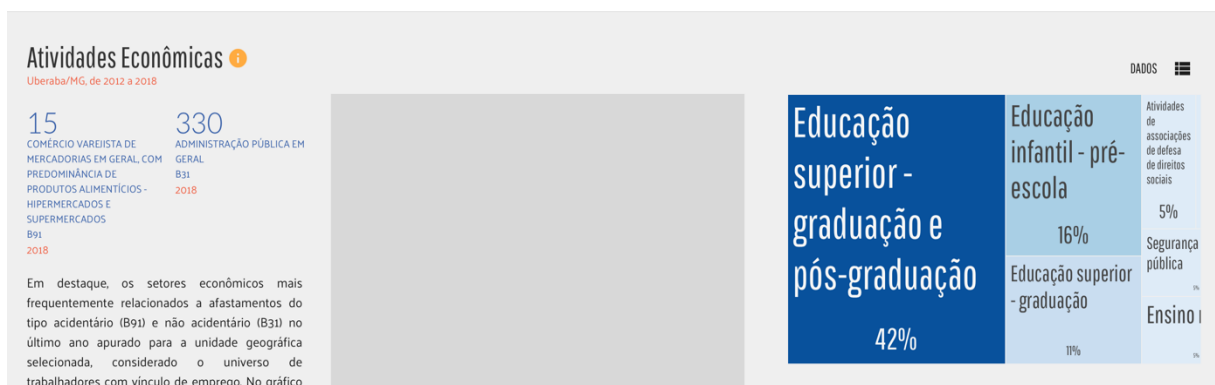


Figura 03–Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação.

Fonte: OIT, 2018.

4.3.3 Araguari

Na cidade de Araguari segundo os dados do Observatório de Segurança e Saúde no trabalho 35 pessoas que trabalham na educação superior no período de 2012-2018 deram

entrada no INSS pedindo afastamento. Destes, apenas oito são professores do ensino superior, os demais trabalham em alguma outra função nas instituições de ensino. Foi possível observar que esses trabalhadores apresentaram sete patologias referentes a doenças mentais ou psicossomáticas, que foram apresentadas no Quadro 03. Em seguida apresentaram-se os dados gerais retirados da OIT que auxiliam na leitura e compreensão dos dados (Figura 05). Após, segue a Figuras 06 referente ao recorte dos trabalhadores docentes e o maior índice de afastamento. Na cidade de Araguari, segundo os dados, os professores da graduação são os que mais pedem afastamento.

Quadro 03 - Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Araguari – MG, 2019.

CID	Transtorno	n
F19	Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas	1
F43	Reações ao "stress" grave e transtornos de adaptação	2
Z73	Problemas relacionados com a organização de seu modo de vida	1
F32	Episódios depressivos	2
F41	Outros transtornos ansiosos	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Z03 - Observação e avaliação médica por doenças e afecções suspeitas 7%	M16 - Coxartrose [artrose do quadril] 5%		C50 - Neoplasia maligna da mama 5%		S92 - Fratura do pé (exceto do tornozelo) 4%	D25 - Leiomioma do útero 4%
F43 - Reações ao "stress" grave e transtornos de adaptação 4%	K51 - Colite ulcerativa 2%	O20 - Hemorragia do início da gravidez 2%	M51 - Outros transtornos de discos intervertebrais 2%	O62 - Anormalidades da contração uterina 2%	S83 - Luxação, entorse e distensão das articulações e dos ligamentos do joelho 2%	N62 - Hipertrofia da mama 2%
F32 - Episódios depressivos 4%	N83 - Transtornos não-inflamatórios do ovário, da trompa de Falópio e do ligamento largo 2%	F19 - Transtornos mentais e comportamentais devidos ao uso de múltiplas drogas e ao uso de outras substâncias psicoativas 2%	K21 - Doença de refluxo gastroesofágico 2%	S40 - Traumatismo superficial do ombro e do braço 2%	I31 - Outras doenças do pericárdio 2%	N80 - Endometriose 2%
S62 - Fratura ao nível do punho e da mão 4%	S56 - Traumatismo do músculo e tendão ao nível do antebraço 2%	I25 - Doença isquêmica crônica do coração 2%	E22 - Hiperfunção da hipófise 2%	S32 - Fratura da coluna lombar e da pelve 2%	S82 - Fratura da perna, incluindo tornozelo 2%	F41 - Outros transtornos ansiosos 2%
S90 - Traumatismo superficial do tornozelo e do pé 4%	C20 - Neoplasia maligna do reto 2%	Z30 - Anticoncepção 2%	E11 - Diabetes mellitus não-insulino-dependente 2%	K35 - Apendicite aguda 2%	C34 - Neoplasia maligna dos brônquios e dos pulmões 2%	
G56 - Mononeuropatias dos membros superiores 4%	S42 - Fratura do ombro e do braço 2%	000 - Gravidez ectópica 2%	M62 - Outros transtornos musculares 2%	M17 - Gonartrose [artrose do joelho] 2%	N81 - Prolapso genital feminino 2%	
	N88 - Outros transtornos não-inflamatórios do colo do útero 2%	S01 - Ferimento da cabeça 2%	M54 - Dorsalgia 2%			

Figura 04 – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Araguari – MG, 2012 – 2018.
Fonte: OIT, 2018.

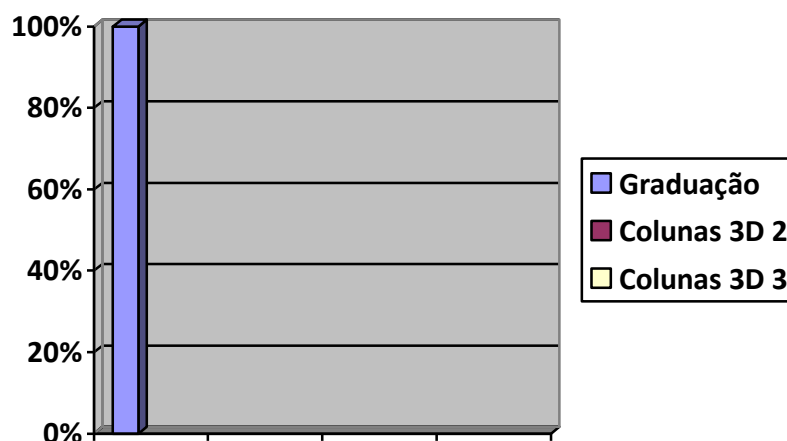


Gráfico 02 - Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo titulação. Araguari, 2019.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

4.3.4 Araxá

Na cidade de Araxá segundo os dados do Observatório de Segurança e Saúde no trabalho 683 pessoas que trabalham na educação superior no período de 2012-2018 deram entrada no INSS pedindo afastamento. Entretanto nesta cidade a plataforma não acusou nenhum trabalhador docente no ensino superior. Foi possível observar que esses trabalhadores apresentaram 92 patologias e apenas nove foram referentes às doenças mentais ou psicossomáticas. Apresentaram-se os dados gerais retirados da OIT sobre a distribuição dos docentes afastados, auxiliando na leitura e compreensão dos dados (Figura 05).

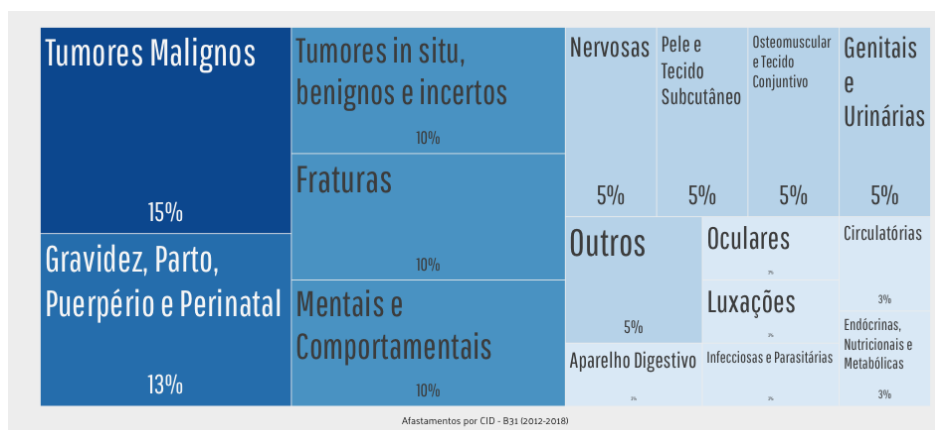


Figura 05 – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Araxá – MG, 2012 – 2018.

Fonte: OIT, 2018.

4.3.5 Ituiutaba

Na cidade de Ituiutaba segundo os dados do Observatório de Segurança e Saúde no trabalho 29 pessoas que trabalham na educação superior no período de 2012-2018 deram entrada no INSS pedindo afastamento. Destes, apenas sete são professores do ensino superior, os demais trabalham em alguma outra função nas instituições de ensino. Foi possível observar que esses trabalhadores apresentaram 335 patologias e delas cinco são referentes a doenças mentais ou psicossomáticas, sendo apresentadas no Quadro 04. Após segue as Figuras 06 e 07 referentes ao recorte dos trabalhadores docentes e o maior índice de afastamento. Na cidade de Ituiutaba, segundo os dados, os professores da graduação são os que mais pedem afastamento.

Quadro 04 - Distribuição das ocorrências de transtornos mentais e psicossomáticos, Ituiutaba - MG, 2019.

CID	TRANSTORNO	n
F33	Transtorno depressivo recorrente	1
F29	Psicose não-orgânica não especificada	1
F41	Outros transtornos ansiosos	1
F32	Episódios depressivos	2
Total		05

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

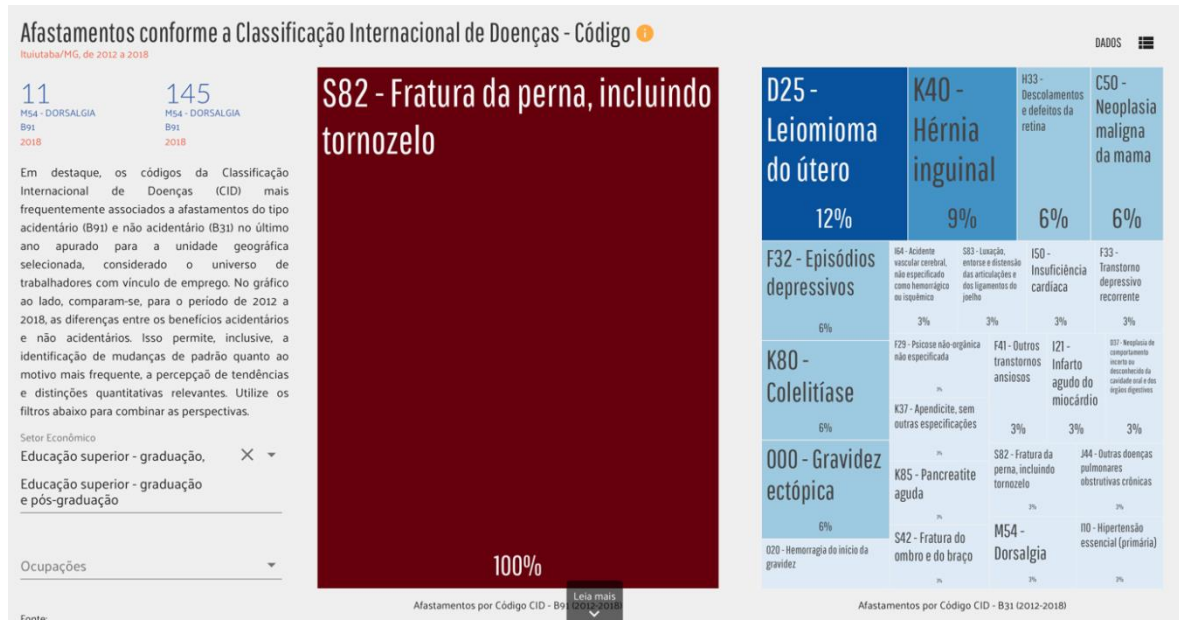


Figura 06 – Afastamento conforme a Classificação Internacional de Doenças, por código, dos trabalhadores docentes afastados de Ituiutaba – MG, 2012 – 2018.

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

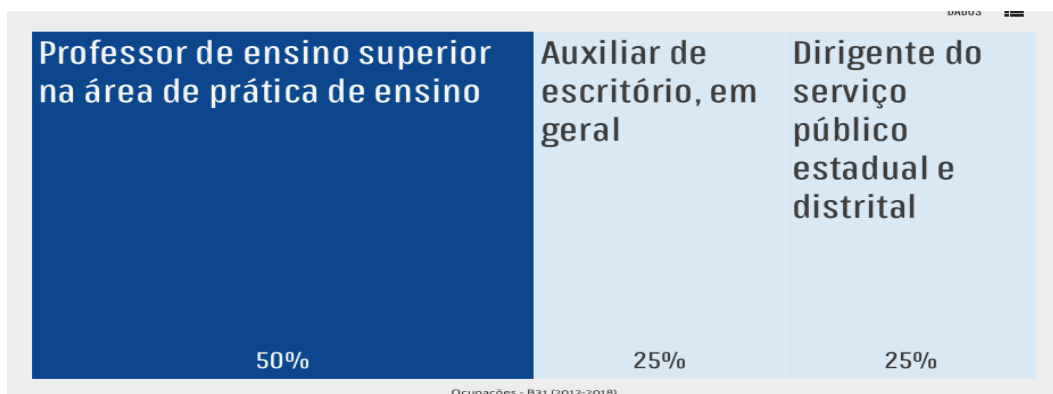


Figura 07 – Distribuição dos trabalhadores docentes com pedido de afastamento, segundo escolaridade. Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Diante dos dados expostos da Organização Internacional do trabalho, fica claro uma presença dos efeitos do capitalismo no trabalho docente do século XXI. Mas, muito mais do que apresentar esses números é preciso ficar uma reflexão a cerca de que ainda existe além destas notificações. Estas são científicas e oficiais, no entanto suspeito baseado em toda a pesquisa e prática que há muito sofrimentos não registrados, ou seja, subnotificações que é mais um efeito do capitalismo no trabalho docente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como problema o questionamento de como o mercado de trabalho e as condições de seu exercício, juntamente com as novas vivências e experiências de trabalhadores docentes e suas demandas, têm atingindo a saúde dos trabalhadores docentes, buscando sempre compreender como as novas políticas e práticas educacionais através do olhar do capitalismo no século XXI têm causado efeitos na saúde do trabalhador.

Os transtornos como depressão, angústia, síndromes do pânico e psicossomáticas são dados difíceis de serem computados, medidos e transformados em números e belos artigos. Estamos o tempo todo falando sobre o sofrimento dos sujeitos desta pesquisa, sobre nossos colegas de trabalho e em alguns momentos, até mesmo nos identificando com esses efeitos. Estamos tratando da dor do outro que em muitos casos se assemelham às nossas, para depois serem “combustíveis” de ganhos acadêmicos e de pontos em currículos.

Essa angústia que cada vez mais fica inevitável está aparentemente se tornando em um adoecimento inevitável. Leandro Karnal em uma palestra intitulada de “Administração do tempo e Estratégia feita em 2015 declara a seguinte frase: O trabalho torna-se o único suicídio ético do mundo no século XXI, onde os trabalhadores, em especial os trabalhadores docentes estão se ‘matando’ de tanto trabalhar e da forma como estão trabalhando nas organizações/empresas, ocupando e criando um imenso vazio.

O trabalho docente, por ser um trabalho imaterial, possui características subjetivas muito particulares, distintas e individuais que não deveriam permitir generalizações, pois o tempo todo está se trabalhando uma matéria única que é a formação do ser humano para trabalhar e transformar a sociedade. Sociedade essa que não reconhece esse trabalhador e muito menos o seu sofrimento, uma vez que aceita esse suicídio, que inevitável e consideravelmente acarreta um silêncio do trabalhador e em um escândalo da falta de saúde.

As condições, políticas e práticas do capitalismo no século XXI transformam em normalidade. A tentativa desse trabalhador em acreditar e praticar essa normalidade acaba por desestabilizar-se por dentro, por desestabilizar a subjetividade, e na maioria das vezes acabam por esconder dos outros e deles mesmos os sintomas e sentimentos, e é dessa forma que se perde, perde a saúde, perde o emprego e o pior perde a si próprio.

O sofrimento e seus efeitos dominam e acabam alimentando os trabalhadores docentes. Esse modelo a meu ver inadequado do capitalismo do século XXI é alienante, estrangulador e flexível. É promotor de possibilidades, mudanças de um ser “taylorotizado”, ou seja, um

ser/trabalhador que vive em tempo integral para empresa. Porque está com medo de se não fazer isso poder não mais estar na empresa.

Não resta dúvidas da urgência da mudança no mundo das organizações, nas políticas educacionais e na visão social do professor. Não se deve ficar apenas nas pesquisas, é preciso haver transformações, uma vez que esses trabalhadores antes de tudo são seres humanos.

No meio de tantas leituras, no meio de tantos sofrimentos desconhecidos, uma autora me chama atenção onde primeiramente tive contato com o ser humano, e depois com a tese de doutorado apresentada por Forattini(2017, p. 149) onde esclarece que “os dias atuais superlativam os sofrimentos pela perda da referência de tempo e espaço, dominados pela modernidade tecnológica os limites foram apagados e dilatos”. E a mesma vai além onde levanta a questão?

Chorar sozinho, desenvolver a síndromes do pânico, perder os cabelos da cabeça, enfartar, é um estado de adoecimento aceitável para a prática docente? A fortaleza interna que se cria para superar, suportar e sobreviver aos conflitos acadêmicos tem sido a verdadeira prisão do ser humano por dentro de cada docente. O isolamento transforma a solidão em desconexão com as transformações possíveis(FORATTINI, 2017, p. 149).

Alves (2014) diz que esse novo mundo precário do trabalho, que está cada vez mais real, presente e infelizmente aceito pela sociedade e por todos, esta se tornando natural, a partir do momento em que concebe e toma como modelo um pensamento publicado em 1993 com autoria de Marx que diz: “o primeiro pressuposto de toda história, é que os homens devem estar em condições de viver para poder fazer história. Mas para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se, e algumas coisas mais” e essas necessidades apenas são supridas pelo trabalho, demonstrando que em alguns casos é preciso se submeter em condições que para muitos não é ideal, para que se possa então suprir as necessidades como comer, beber, vestir-se e tudo aquilo que se considera básico, para sobreviver e ter dignidade.

Trabalho esse que pelos dados da pesquisa evidência o estranhamento do trabalhador docente em referência a si mesmo e suas atribuições, que comprovam a desefetivação do ser humano, em especial o trabalhador docente, que diante da realidade trazida pelo capitalismo no século XXI, captura o sujeito/ trabalhador docente, o tempo, a vida e a alma. Não restando diferenciações da vida pessoal e profissional, uma vez que o humano é um ser de trabalho. Mas precisamos conviver com essa realidade e entender como chegamos até aqui, para podermos criar ações para modificar algo para o futuro, para que falas como essa de professores não se repita.

[...] É desanimador constatar que meu trabalho me faz mal e que sou tratado como algo descartável. E isso tende a ficar assim, enquanto eu ficar parado, esperando a banda passar. Eu tenho que me mexer, ir à luta, mas sozinho e parado, não dá (FARIAS JÚNIOR, 2014. p. 232).

Mas, o mais triste de todo esse cenário é que existe um reconhecimento por pares das organizações e instituições de ensino sobre a alienação e submissão dos processos de trabalho que elas próprias exigem, e que esses processos desumanizam as reações e o ser humano que se não acatarem e obedecerem aos impositivos quase sempre inegociáveis das organizações e instituições acabarão sendo desqualificados de fazer parte desse trabalho.

Então fica claro e evidente que o problema da pesquisa traz uma resposta comprovada pela fala das pesquisas anteriores, que existe sim um efeito decorrente do capitalismo e suas vivências na vida e carreira do trabalhado docente. Quase sempre elas são desestruturantes alienantes e doentias, e que cada um está vivendo a sua dor em extremo silêncio, tentando camuflar o máximo possível o seu sofrimento.

Uma vez que trabalhar com educação e ensino é acima de tudo trabalhar com o ser humano, reconhecendo sua subjetividade, possibilidades e limitações, é transformar o impossível em realidade, esquecemos que isso pode custar as nossas vidas. Por isso evidencia-se que essa problemática é real, perversa e libertadora. Em razão de considerar extremamente árduo expor o sofrimento, o descontentamento, a dilaceração dos humanos, evidenciando sua solidão, depressão e desgosto com a vida e o trabalho que antes de tudo era um ideal, porque as mazelas reais da profissão não definem o profissional, mais sim o pior dos crimes, a aceitação e a necessidade da servidão.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A. **The System of the professions an essay on the Division of Expert Labor.** Chicago, Illinois: University of Chicago, 1988.

ALVES, G. **Dimensões da reestruturação produtiva:** ensaios da sociologia do trabalho. 2ª ed. Londrina: Editora Práxis, 2007.

ALVES, G. A disputa pelo intangível: estratégias gerenciais do capital na era da globalização. In: ANTUNES, R. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III.** São Paulo: Boitempo, 2014, cap. 5, p. 55-72.

ALVES, G. **Dimensões da Precarização do Trabalho:** ensaios de sociologia do Trabalho. Bauru: Canal 6, 2013.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 8ª ed. Perdizes: Cortez Editora, 2002.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital.** São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, T. M.; SENA, I. P., VINA, M. A.; ARAÚJO, E. M. Mal-Estar Docente: avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior. **Revista Baiana de Saúde Pública**, n. 29, v.1, p. 6-21, 2005.

ARAÚJO, R. R.; SACHUK, M. I. Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 53-66, março, 2007.

AZEVEDO, A.; LOBO, F. Prazer e sofrimento no trabalho. In: **Congresso Internacional de Psicologia do Trabalho e das Organizações**, v. 1, 2012, Braga. *Anais...* Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2013. p.163-176.

BERNARDO, M. H. PRODUTIVISMO E PRECARIIDADE SUBJETIVA NA UNIVERSIDADE PÚBLICA: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 1, p.129-139, 2014.

BEZERRA, D. D. D. S. **Trabalho docente:** elementos, concepções e tensões. VEDIPE, Goiânia, 2013.

BIANCHETTI, L.; SGUISSARDI, V. **Da Universidade à Commoditycidade:** ou de como e quando, se a Educação/Formação é sacrificada no altar do mercado, o futuro da universidade se situaria em algum lugar do passado. 1ª ed., Campinas: Mercado das Letras, 2017.

BISERRA, M. P.; GIANNINI, S. P. P.; PAPARELLI, R.; FERREIRA, L. P. Voz e trabalho: estudo dos condicionantes das mudanças a partir do discurso dos docentes. **Saude soc.**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 966-978, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300966 Acesso em 16 ago. 2019.

BLANCH-RIBAS, J. M.; CANTERA, L. **La nueva gestión pública de universidades y hospitales: aplicaciones e implicaciones**. Oviedo: Universidad de Oviedo, 2011.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abril 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso Acesso em 19 set. 2019.

BORRULL, A. S. **O que é a geração alfa, a 1ª a ser 100% digital**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48438661> Acesso em 29 mai. 2019.

BRAND, R. M. W. Um contexto em mudança: trabalho, saúde e profissão docente. In: **II Simpósio Nacional de Educação**, SEMANA DE PEDAGOGIA, 2010, Cascavel-PR. *Anais...* Cascavel: Ed. da UNIOESTE, p.1-15, 2010. Disponível em: [HTTP://cac-
php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/174.pdf](http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/174.pdf) Acesso em: 21 nov. 2018.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. 19ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2018.

CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (org.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 3ª ed., Editora Zouk, 2012.

CODO, W. **O Fazer e a Consciência**. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (Orgs.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORTEZ, P. A.; SOUZA, M. V. R.; AMARAL, L. O.; SILVA, L. C. A. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Caderno Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 25, p.113-122, 2017.

DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora da FGV; 1999.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios? **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 1, p.37-57, fev. 2011.

DUARTE, A. Políticas Educacionais e o Trabalho Docente na Atualidade: tendências e contradições. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. (Org.). **Políticas e Educação: regulação e conhecimento**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011. P. 161-182.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Revista Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, agosto 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742012000200003&lng=en&nrm=iso Acesso em 26 jun. 2019.

FARIAS JÚNIOR, R. S. **A precarização do trabalho e o adoecimento docente em instituições de ensino superior privadas/mercantis**. 2014. 269 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

FERNÁNDEZ ENGUITA, M. A ambiguidade da docência: entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**, n. 4, “Dossiê: interpretando o trabalho docente”, p. 41-61, Porto Alegre, 1991

FORATTINI, C. D. **Estranhamento como nexos causal do adoecimento docente na Universidade Federal de Uberlândia**. 2017. 172 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1980 v. XXI (original publicado em 1930).

FRIZZO, G.; BOPSIN, A. Saúde docente e a precarização do trabalho no curso de educação física na rede privada de ensino superior. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 4, p.1271-1282, 2017.

GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes como fabricação da docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p.45-56, abr. 2005.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p.189-199, 2005.

GRAMSCI, A. **Americanismo e fordismo**. São Paulo: Hedra, 2008.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

HOFFMANN, C.; ZANINI, R. R.; MOURA, G. L.; MACHADO, B. P. Prazer e sofrimento no trabalho docente: Brasil e Portugal. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 45, n. 1, p.1-20, 2019.

IBARRA-COLADO, E. Capitalismo académico y globalización: la universidad reinventada. **Educação e Sociedade**, v. 24, n. 84, p. 1059-1067, 2003.

JILOU, V.; CECÍLIO, S. Condições de trabalho docente e sofrimento psíquico no ensino superior. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 7, p. 233, 2015.

LA BOÉTIE, E. (1577). **Discurso da servidão voluntária**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

LANTHEAUME, F. Professores e dificuldades do ofício: preservação e reconstrução da dignidade profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 368-387, 2012.

LIMA, M. F. E. M.; LIMA FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Revista Ciências e Cognição**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 62-82, Novembro, 2009. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212009000300006&lng=pt&nrm=iso Acesso em 19 set. 2019.

LINHART, D. (Org.). Modernização e precarização da vida no trabalho. In: ANTUNES, R. **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil III**. São Paulo: Boitempo, 2014.

LOPES, M.; CAVAGNAC, M. O trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva: particularidades no âmbito privado. **UECE**, Fortaleza, v. 4, n. 1, p.390-399, maio 2013.

LUKÁCS, G. *Para uma ontologia do ser social*, v. I. São Paulo: Boitempo, 2013.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2000.

MARTINS, A. A. V.; HONÓRIO, L. C. Prazer e Sofrimento Docente em uma instituição De ensino superior privada em Minas Gerais. **Revista Oes**, Salvador, v. 21, n. 68, p.835-852, 2014.

MARX, K. **O Capital**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MCWILLIAMS, N. Personalidade depressiva. In: MCWILLIAMS, N. **Diagnóstico Psicanalítico**: Entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MENDES, A. M. B.; FERREIRA, M. C. Inventário sobre Trabalho e Riscos de Adoecimento – ITRA: instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, A. M. B. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MÉZAROS, I. **Para além do capital: rumo a uma teoria da transição**. Tradutores: Paulo Cezar Castanheira e Sérgio Lessa. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MINAYO, M. C. S. Construções dos instrumentos e exploração de campo. In: MINAYO, M. C. S. **O desafio de conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

MIRANDA, K. O processo de trabalho docente: interfaces entre a produção e a escola. **Revista da Educação Profissional**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 38-49, ago. 2006.

MURAD, I.; DOMINGOS, B. A.; SILVA, I. C.; MAFRA, F. L. N. O significado do trabalho docente: uma análise da percepção dos professores de uma IFES de Minas Gerais. **Foco**, Minas Gerais, v. 10, n. 3, p.125-145, dez. 2017.

OLIVEIRA, D. A. **Condições de trabalho docente**. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TRABALHO. **Centro de informações:** Observatório de Segurança e Saúde no trabalho. 1984. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasil/centro-de-informacoes/lang--pt/index.htm> | Acesso em: 31 dez. 2018.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da pesquisa:** abordagem teórico-prática. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

PENA, L.; REMOALDO, P. Psicodinâmica do trabalho: um estudo sobre o prazer e o sofrimento no trabalho docente na Universidade Óscar Ribas. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.28, n.4, p.147-159, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v28n4/1984-0470-sausoc-28-04-147.pdf> Acesso em 15 jan. 2019.

PENTEADO, R. Z.; SOUZA NETO, S. Mal-estar, sofrimento e adoecimento do professor: de narrativas do trabalho e da cultura docente à docência como profissão. **Saude Soc.**, v. 28, n.1, p. 135-153, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v28n1/1984-0470-sausoc-28-01-135.pdf> Acesso em 15 nov. 2019.

PEREIRA, J. S. F. **Quem é essa profissional?:** Trabalho docente no ensino superior privado e relações sociais de sexo. 2015. 237 f. Tese de Doutorado (Educação) – UFMG/ Faculdade de Educação, 2015.

PERES, U. T. **Depressão e Melancolia.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

PORTO, L. A.; REIS, I.; ANDRADE, J. M.; NASCIMENTO, C. R.; CARVALHO, F. M. Doenças ocupacionais em professores atendidos pelo centro de estudos da saúde do trabalhador (CESAT). **Revista Baiana de Saúde Pública**, n. 28, v. 1, p. 33-49, 2004.

ROEDEL, H.; MARTINS, I. F. Capitalismo e educação: novas conformações na passagem para o século XXI. **Revista Brasileira de Geografia e Economia**[Online], n. 13, 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/espacoconomia/4732> Acesso em 15 jun. 2019.

ROLDÃO, M. C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, abr. 2007.

SAGRILLO, D. R. **Trabalho docente: uma análise da produção do GT Trabalho e Educação da ANPED.** 2009. 136f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Práticas Educativas) UFSM, 2009.

SANTOS, B. **A universidade do século XXI:** para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade. São Paulo: Cortez, 2005.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, E. P.; SILVA JÚNIOR, J. R. Estranhamento e desumanização nas relações de trabalho na Instituição Universitária Pública. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 223-238, 2010.

SOUZA, A. N.; LEITE, M. P. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educ. Soc.**, v. 32, n. 117, p. 1105-1121, 2011.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302011000400012&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 15 mar. 2019.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, ano XXI, n. 73, dez. 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. **Revista Educação e Sociedade.**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 159-180, abril 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000100009&lng=en&nrm=iso Acesso em 28 jun. 2019.

VASAPOLLO, L. O trabalho atípico e a precariedade: elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. In: ANTUNES, R. (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**, São Paulo: Boitempo, 2006.

VIEIRA, S. R. S. Sofrimento psíquico e trabalho. **Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 17, n. 1, p.114-124, 2014.

VIEIRA, J. S.; FONSECA, M. S. Natureza do trabalho docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **DICIONÁRIO**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM.

VILELA, E. F.; GARCIA, F. C.; VIEIRA, A. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **REAd**, Porto Alegre-RS, v. 19, n. 2, p. 517-540, 2013.

VIZZACCARO-AMARAL, A. L.; MOTA, D. P.; ALVES, G. (Orgs). **Trabalho e Saúde**: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI. São Paulo: LTr, 2011.

ZIMERMAN, D. E. Depressão. In: ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos Psicanalíticos**: Teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MEMORIAL

A VIDA E A PESQUISA

Desde que me conheço por gente, a docência faz parte da minha vida, não apenas por eu estar docente no momento, mas também por pertencer a uma família em que quase todos são ou foram docentes, como por exemplos, tios, tios avos. Sendo meu pai policial e minha mãe advogada, a docência na maioria das vezes não passava pelo pensamento deles quando sonhavam algo para mim. Na verdade, para eles eu deveria ser médica ou atleta, uma vez que desde os meus 04 anos era uma atleta profissional e com patrocínios, mas ensinar sempre esteve em mim. Lembro que desde o ensino fundamental e médio eu já ganhava algo em troca de umas aulinhas de história e geografia. Na época em que o retroprojeter era usado, eu fazia da televisão em um canal fora do ar meu instrumento de trabalho, bem como mapas desenhados nas lâminas para ilustrar as aulas. Já estava em mim o prazer por planejar e ensinar.

Sempre admirei pessoas que buscam uma vida melhor, que fazem da vida dos outros a possibilidade de ser melhor. O professor no meu ponto de vista tem essa missão: proporcionar a possibilidade ao outro, fazer a vida melhor, fazer a vida valer a pena, e quem sabe ter sentido!

Fui crescendo e conquistando meu espaço na vida das pessoas e na minha própria, sempre que buscava uma vida melhora cada dia. Formei-me no ensino médio, entrei em um dos maiores centros universitários do país para o curso de Psicologia que, sem sombra de dúvidas, foi melhor do que qualquer vida de médico ou atleta profissional que eu pudesse ter. Mas quem me conhece bem sabe que sou movida a desafios, e o primeiro foi ir embora, pouco tempo depois de ter formado em Psicologia no UNIPAM, deu tempo apenas de terminar uma pós em saúde da família, e logo fui morar em outro continente, residir na Europa fazendo um mestrado em uma língua que a princípio não era do meu domínio. Mas, entretanto, era uma das Universidades mais conceituadas do mundo e uma das mais antigas, Universidade de Salamanca. As coisas aconteceram e venci mais esse desafio. Terminei lá meu primeiro mestrado, em uma das especialidades mais valiosas na minha opinião, Psicanálise Clínica.

Ao retornar ao meu país, pouco tempo depois, tornei-me professora universitária do mesmo lugar de onde saí, ou seja, de onde me formei. Mas parece que ainda era pouco, que eu precisava e preciso de mais. Desafiei-me novamente, e aqui estou, em um mestrado em Educação. Perdi a conta de quantas pessoas me disseram, “mas não é sua área”, “por que fazer isso?”, e calmamente eu sempre respondia: “como não é minha área, se sou professora? Como posso querer ensinar algo, se nem eu mesma me disponho a aprender melhor sobre o

processo?”. Foi difícil, é difícil e sempre será difícil. Mas é bom também, aprender e evoluir enquanto ser social e pessoal.

Mas há algo que eu sempre penso e carrego comigo: todo ser humano, em especial aqueles que se aventuram a tornarem-se trabalhadores docentes, precisam sempre ter em mente que o diálogo jamais pode ser perdido. Ninguém deveria negar o valor e a importância da educação na vida do indivíduo e na vida em sociedade, pois o trabalhador docente, que muitas vezes é chamado de professor, é um artifício imprescindível para a conquista da sociedade, para a evolução da vida.

Contudo essas evoluções e transformações que andam ocorrendo no mundo, em especial no século XXI, têm cada vez mais adoecido esse trabalhador docente. Diante disso escolhi escrever essa dissertação, para tentar retratar e mostrar como hoje os trabalhadores docentes estão cada vez mais adoecidos e silenciados pelas gestões, forma e excessos de trabalhos.

Finalizando, acredito que a parte mais significativa e importante de todo esse processo do mestrado é reafirma a importância da educação e em especial do trabalhador docente no cenário atual e perceber como nos trabalhadores docentes possuímos uma dificuldade em aceitar que nosso propósito de vida, agir através da educação pode nos adoecer significativamente, e como somos resistentes a aceitar esse quadro. Ajudando a acrescentar os números de subnotificações. E como aceitamos situações que na maioria das vezes se configuram como desumanas. Porque nem todo mal-estar é doença, mas todo mal-estar é sinal de que algo precisa ser cuidado. Com isso essa dissertação pode ser vista como a possibilidade do trabalhador docente começar a observar suas realidades com senso crítico maior e perceber que o sistema pode mascarar nossa visão fazendo com que aceitamos situações precárias de trabalho.

Qual será meu novo desafio, sinceramente ainda não sei, quem sabe um doutorado, quem sabe um doutorado sanduíche, ou simplesmente ser o que se pode ser, ou seja, ser feliz transformando vidas, possibilidades e realidades através da educação e da Psicologia.